

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP

Natalia Mucheroni

O conceito de comunidade verbal na obra de B. F. Skinner

Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP

Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Experimental: Análise do
Comportamento

Natalia Mucheroni

O conceito de comunidade verbal na obra de B. F. Skinner

Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento

São Paulo

2020

Natalia Mucheroni

O conceito de comunidade verbal na obra de B. F. Skinner

Projeto apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de mestre em Psicologia
Experimental: Análise do Comportamento, sob a orientação
da Professora Doutora Maria Eliza Mazzilli Pereira

São Paulo

2020

Trabalho parcialmente financiado pelo Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

AGRADECIMENTOS

Mesmo que tenha apenas meu nome, este trabalho não foi individual. Ele é fruto de um esforço coletivo, de muitas pessoas (que nunca poderei agradecer o suficiente) que ofereceram todo o apoio emocional, acadêmico e afetivo que eu precisei para terminar essa nada fácil tarefa. Esta breve página tem o impossível objetivo de colocar em palavras uma gratidão imensurável.

À minha mãe, antes de tudo, por nunca deixar de acreditar (muito mais que eu mesma) que eu poderia fazer sempre mais. Por me aconselhar, acordar cedo nos dias de monitoria e me acompanhar das partes mais árduas dessa jornada. Meu amor por você é do tamanho do universo.

Ao meu pai, por ser um exemplo de determinação e força. Por me aconselhar quando as coisas se tornavam difíceis, me ajudar a ler gráficos e me lembrar sempre da importância de não levar tudo tão à sério.

À minha avó, que apesar de não poder presenciar este momento tão importante, não saiu do meu coração durante a elaboração deste trabalho. Por ser meu maior modelo de força e de mulher, por me ensinar a dar valor à educação que eu tive a oportunidade e privilégio de ter. Por me trazer de volta às minhas origens. Obrigada vó, por sempre me apoiar (mesmo quando entendia direito o que significava esse tal de mestrado), pela melhor comida do mundo e por ter sido meu lar por tanto tempo.

Aos melhores amigos que eu poderia ter e que me apoiaram durante todo esse processo: Sandy, por sempre saber a hora de gritar e a hora de me acolher nos momentos mais necessários. Karina, pela amizade de tantos anos perdurar por esse período tão difícil. João e Paloma, por ouvirem cada capítulo dessa novela que foi terminar o mestrado. Às pessoas maravilhosas que encontrei em Fortaleza: Livia, pelo companheirismo diário e por

me ajudarem em todos os momentos e por mesmo estando longe de casa, fazer com que eu não me sinta sozinha. Liliane, por ouvir cada uma das minhas reclamações diárias, pelo constante apoio e compreensão.

Aos amigos de mestrado: Flávio, Cláudio, Jorge, Raniel, Larissa, Monique e Tarsila. Por proporcionarem risos no meio do desespero de cada uma das VLs, pela parceria e pelo crescimento. À Rachel, pelo companheirismo de todas as horas, por compartilhar as lágrimas e sorrisos nas escadas da PUC e por continuar presente mesmo com a distância.

Aos professores que fizeram parte da minha formação acadêmica e pessoal. Jazz, meu primeiro professor de análise do comportamento, que fez com que eu me apaixonasse por essa disciplina desde o primeiro dia. Thomas, por me ensinar a amar o estudo da cultura, por me ensinar como igual e por me oferecer oportunidades de aprendizagem únicas. À Mônica por me ensinar o que é ser uma analista do comportamento comprometida socialmente, e por me ensinar o valor da gentileza no dia a dia. À Nilza, por me ensinar a seriedade e compromisso necessários para se tornar um analista do comportamento, e por me inspirar a cada aula de uma forma única. À Denize, pelo cuidado e pela disponibilidade de sempre.

Por fim, à Mare, pelas orientações sempre impecáveis e cuidadosas. Por cuidar do meu trabalho com o mesmo esmero e carinho que eu. Pelas tardes de orientações que passavam rápido de tão agradáveis e pela disponibilidade de sempre. Você será sempre um exemplo para mim.

RESUMO

Mucheroni, N. (2020). *O conceito de comunidade verbal na obra de B. F. Skinner*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pag. PUC-SP.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Eliza Mazilli Pereira

Linha de pesquisa: História e fundamentos epistemológicos, metodológicos e conceituais a Análise do Comportamento

De acordo com Skinner (1986), comportamento verbal é “...comportamento que é reforçado através da mediação de outras pessoas, mas apenas quando outras pessoas estão se comportando de formas que foram modeladas e mantidas por um ambiente verbal ou linguagem” (p. 121, tradução nossa). Dessa forma, a definição de comportamento verbal explicita a dependência da modelação e manutenção desse comportamento por uma comunidade verbal. O presente estudo teve como objetivo analisar como Skinner, ao longo de suas publicações, caracteriza e define a comunidade verbal, que papéis lhe atribui e de que modo sugere que ela cumpre esse papel. Para tal, foram selecionados trechos que continham as palavras de busca *verbal community* e *verbal environment* ao longo de toda a obra de Skinner. Tais trechos foram lidos na íntegra e classificados nas seguintes categorias: “definição/características da comunidade verbal”; “subcomunidades verbais”; “relação entre a comunidade verbal e falante”, “relação entre a comunidade verbal e ouvinte”, “relações com outras áreas” e “comunidade verbal como prática cultural”. A comunidade verbal tem, para Skinner, como principais características o fato de ser um conjunto de falantes, ouvintes e audiências que reforçam e punem diferencialmente respostas específicas do falante.

Palavras-chave: comportamento verbal, comunidade verbal, análise do comportamento, Skinner

ABSTRACT

According to Skinner (1986), verbal behavior is "... behavior that is reinforced through the mediation of other people, but only when other people are behaving in ways that have been shaped and maintained by a verbal environment or language" (p 121, our translation). Thus, the definition of verbal behavior makes explicit the dependence on the modeling and maintenance of this behavior by a verbal community. The present study aimed to analyze how Skinner, throughout his publications, characterizes and defines the verbal community, what roles it assigns and how it suggests that it fulfills that role. To this end, excerpts were selected that contained the search words verbal community and verbal environment throughout Skinner's work. Such excerpts were read in full and classified in the following categories: "definition / characteristics of the verbal community"; "Verbal subcommunities"; "Relationship between the verbal and speaking community", "relationship between the verbal and listening community", "relationships with other areas" and "verbal community as cultural practice". The main characteristics of the verbal community for Skinner are the fact that it is a group of speakers, listeners and audiences that differentially reinforce and punish specific responses of the speaker.

Key-words: verbal behavior, verbal community, behavior analysis, Skinner

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Método.....	22
Resultados.....	29
Considerações finais	55
Referências	58

A análise do comportamento se constitui como um campo do saber que, de acordo com Tourinho (1999), é sustentado por diversos tipos de estudo, que se desenvolvem de maneira interdependente e permitem uma compreensão sólida do seu objeto de estudo. A produção do conhecimento da área pode se dividir em três tipos de estudo: trabalhos conceituais/teóricos, trabalhos de intervenção e trabalhos básicos. Apesar dessa divisão, uma pesquisa pode abranger mais de um tipo de estudo e se relacionar com os demais, ainda que se inclua primordialmente em um deles.

De acordo com Tourinho (1999), "estudos conceituais podem ser abordados como aqueles que se ocupam da constituição do sistema explicativo com o qual uma ciência busca dar conta do conjunto de fenômenos que dizem respeito ao seu objeto de estudo" (p. 213). Estudos conceituais têm, inevitavelmente, um conteúdo histórico, seja este central ou periférico com relação ao estudo. Apesar disso, a diferença entre um estudo conceitual e um estudo histórico ou filosófico se baseia no fato de que o estudo conceitual busca "questionar produtivamente o conjunto de proposições que fundamenta (ou deve fundamentar) a investigação (básica e/ou aplicada) que define o campo de uma ciência" (p. 213).

Por fim, Tourinho (1999) discute que os estudos conceituais em análise do comportamento, apesar de ocorrerem em menor número em comparação com os demais tipos de trabalho, vinham, então, crescendo consideravelmente. Esse crescimento poderia indicar a importância desse tipo de estudo para a sobrevivência da análise do comportamento enquanto uma prática cultural, uma vez que esses estudos possibilitam o diálogo com outras áreas do

conhecimento, a divulgação da própria área e o fortalecimento dos outros tipos de estudo dentro do campo da análise do comportamento, como o empírico, ao fornecer uma base para a realização de novos trabalhos.

Sério (1990), em sua tese de doutorado, indica contribuições de estudos anteriores para seu trabalho. Ao fazê-lo, menciona que a realização de um estudo anterior acerca de um conceito relevante para o seu trabalho lhe permitiu identificar aspectos que diziam respeito à postura metodológica de Skinner, aos limites do conceito e a suas modificações ao longo do processo de construção do corpo teórico da análise do comportamento. Tais aspectos também constituem contribuições importantes de um estudo conceitual.

Sério (1990) também indica que a compreensão de um conceito se dá de maneira processual e que dessa perspectiva decorrem implicações. A primeira seria, de maneira semelhante ao proposto por Tourinho (1999), que deve ser considerado o caráter histórico da pesquisa conceitual; a compreensão de um conceito exige a compreensão da história de elaboração do mesmo. Outra implicação é a de que um conceito não é apresentado de maneira isolada; assim, a compreensão de um conceito só é possível com base na compreensão dos demais conceitos que contribuem para a sua elaboração.

Por fim, citando indiretamente Álvaro Vieira Pinto (1979), Sério (1990) afirma mais um aspecto que marca o desenvolvimento de um trabalho conceitual - a consideração da historicidade do método utilizado por uma determinada ciência, a argumentação de que os métodos de uma ciência podem se alterar ao longo de seu percurso:

a compreensão da historicidade dos conceitos exige a compreensão da historicidade do método de que a ciência se utiliza. Assumindo que aquilo que, num determinado momento e por um conjunto de cientistas, é considerado como o método da ciência é uma expressão histórica de um momento de

elaboração das alternativas para a produção do conhecimento científico, a historicidade do método será o fundamento para a historicidade dos conceitos. (Sério, p. 5)

O presente estudo tem como propósito a realização de um trabalho conceitual, este sendo compreendido, conforme os autores acima mencionados, como um processo crítico de entendimento das formulações que constituem o sistema explicativo da análise do comportamento. Os conceitos aqui estudados serão considerados em seus aspectos metodológicos e históricos, ainda que a realização de uma pesquisa histórica não seja o objetivo do presente estudo.

Comportamento verbal

De acordo com Sério, Gioia, Andery e Micheletto (2001), “a compreensão da proposta skinneriana para o estudo do comportamento verbal começa com a compreensão da escolha do nome dado para esse tipo de comportamento operante” (p. 130). As autoras complementam com as questões: “Por que recorrer a uma expressão nova? Por que, por exemplo, não chamar tal comportamento ‘linguagem’ ou ‘linguístico?’” (p. 130).

Skinner (1957) reconhece que o campo do comportamento verbal vinha, há muito tempo, sendo estudado, com base em diversas perspectivas. Os termos que vinham sendo empregados para o estudo do comportamento verbal, como fala, linguagem ou linguístico, enfatizavam aspectos diferentes daqueles enfatizados por Skinner em sua obra *Verbal Behavior* (1957). O termo “fala” enfatiza apenas o comportamento vocal, excluindo situações nas quais o comportamento verbal ocorre por outros meios, que não os sonoros, como, por

exemplo, os sinais. Já os termos “linguagem” ou “linguístico” enfatizam as práticas de uma comunidade, em vez do comportamento individual de seus membros.

Assim, o uso do termo “comportamento verbal” tem vantagens:

O termo “comportamento verbal” tem muito que o recomende. Sua sanção etimológica não é poderosa demais, mas enfatiza o falante individual e, quer seja reconhecido por quem o usa ou não, especifica comportamento modelado e mantido por consequências mediadas. Também tem a vantagem de ser relativamente não familiar em modos tradicionais de explicação. (Skinner, 1957, p. 2, tradução nossa) ¹

Dessa forma, o uso do termo “comportamento verbal” mostra o enfoque de Skinner (1957) ao estudar esse fenômeno. Ao enfatizar o comportamento de indivíduos, esse autor demonstra uma preocupação com os processos operantes envolvidos e que afetam de maneira única cada falante.

Em 1974/2012, Skinner apresenta outra desvantagem do uso do termo linguagem:

...A linguagem tem o caráter de uma coisa, algo que uma pessoa adquire e possui. Os psicólogos falam da “aquisição de linguagem” por parte da criança. As palavras e as sentenças que compõem uma língua são chamadas de instrumentos usados para expressar significados, pensamentos, ideias, proposições, emoções, necessidades, desejos e muitas outras coisas que estão na mente do falante. Uma concepção muito mais produtiva é a de que o comportamento verbal é comportamento (p. 79)

¹ Do original: “The term ‘verbal behavior’ has much to recommend it. Its etymological sanction is not too powerful, but it emphasizes the individual speaker and, whether recognized by the user or not, specifies behavior shaped and maintained by mediated consequences. It also has the advantage of being relatively unfamiliar in traditional modes of explanation.”

Skinner apresenta como desvantagem do uso do termo linguagem seu caráter de entidade. Já o uso do termo comportamento verbal parece afastar explicações que supõem uma causalidade interna.

Skinner inicia seu livro *Verbal Behavior* (1957) com a frase “Os homens agem sobre o mundo e o modificam, e são, por sua vez, modificados pelas consequências de sua ação”(tradução nossa, p.1)². O fato de Skinner assim iniciar o livro sugere que tratará do comportamento verbal dessa forma: como comportamento operante. Assim, os mesmos princípios comportamentais empregados em relação ao comportamento operante se aplicam a uma análise do comportamento verbal.

Existem, no entanto, diversas maneiras de se agir sobre o mundo, modificá-lo e ser modificado em consequência de sua ação. Pode-se agir no mundo de maneira *direta*, andando em direção a um objeto e pegando-o, por exemplo. Apesar disso, muitas vezes não agimos sobre o mundo de maneira direta. Com frequência, os reforçadores a que temos acesso são mediados por outra pessoa, como quando, por exemplo, se pede um copo de água.

Assim, uma definição inicial de comportamento verbal proposta por Skinner (1957) é a de um comportamento operante cuja consequência é mediada por outra pessoa. De acordo com Skinner:

o comportamento que é efetivo apenas através da mediação de outras pessoas possui tantas propriedades dinâmicas e topográficas distintas que um tratamento especial é justificado e, de fato, necessário. Problemas surgidos

² Do original: “Men upon the world, and change it, and are changed in turn by the consequences of their action”

desse modo especial de ação são, geralmente, atribuídos ao campo da fala ou da linguagem. (p. 3, tradução nossa)³

Dessa forma, um comportamento mediado tem características especiais que justificam seu estudo. De acordo com Skinner (2012/1974),

[o comportamento verbal] tem um caráter especial apenas porque é reforçado por seus efeitos sobre pessoas - de início, outras pessoas, mas, eventualmente, o próprio falante. Como resultado, está isento de relações espaciais, temporais e mecânicas que prevalecem entre o comportamento operante e as consequências não-sociais (p. 79).

Porém, a definição de comportamento verbal ainda necessita de complementações. Na segunda parte do livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957) ressalta outra característica definidora do comportamento verbal: esse comportamento operante é mediado por um ouvinte especialmente treinado por uma comunidade verbal. O treino pela comunidade verbal de que o ouvinte faz parte faz com que ele responda diferencialmente ao comportamento do falante.

Posteriormente, Skinner (1986), em sua publicação *The evolution of verbal behavior*, mais uma vez complementa a definição de comportamento verbal:

Comportamento verbal é comportamento que é reforçado através da mediação de outras pessoas, mas apenas quando outras pessoas estão se comportando de formas que foram modeladas e mantidas por um ambiente verbal ou linguagem (p. 121, tradução nossa).⁴

³ Do original: “Behavior which is effective only through the mediation of other persons has so many distinguishing dynamic and topographical properties that a special treatment is justified and, indeed, demanded. Problems raised by this special mode of action are usually assigned to the field of speech or language.”

⁴ “Verbal behavior is behavior that is reinforced through the mediation of other people, but only when the other people are behaving in ways that have been shaped and maintained by a verbal environment or language.”

Dessa forma, o ambiente verbal que modela o comportamento do mediador deve evoluir, ou seja, suas práticas devem ser transmitidas através de gerações.

Ao longo da obra de Skinner, é possível observar complementações e modificações na definição de comportamento verbal, assim como em diversos pressupostos que orientavam a sua proposta. Assim, uma compreensão mais completa dos conceitos de Skinner e de suas implicações deve levar em conta as transformações de seu sistema explicativo durante os sessenta anos de produção. De acordo com Micheletto (1995):

Se compararmos a produção inicial de Skinner com a das últimas décadas fica evidente que, apesar de Skinner manter a proposta de fazer do estudo do comportamento uma ciência natural defendendo a adoção de procedimentos e pressupostos destas ciências naturais para o estudo de seu objeto, ocorrem transformações em seus supostos durante os sessenta anos de sua produção. Podem ser identificadas transformações no que se refere às concepções metodológicas adotadas -- nos supostos sobre o objeto de estudo, no papel do investigador, no papel da ciência etc. Estas transformações estão relacionadas com a adoção de modelos de ciência diferentes, em diferentes períodos de produção. (p.2)

Conforme Micheletto (1995), em 1931, Skinner adota para a orientação de sua ciência supostos semelhantes aos utilizados por pensadores como Mach e Bridgman, que criticam as formulações mecanicistas da época. Apesar disso, o conceito de reflexo de Skinner, que na época era a unidade de estudo da análise do comportamento, mantém características mecanicistas e um sistema explicativo físico-químico. Essa relação se enfraquece em 1938, quando Skinner postula o conceito de comportamento operante.

Já na década de 1980, a ciência do comportamento de Skinner se orienta com base no modelo de seleção por consequências. Esse modelo biológico tem como base os supostos da seleção natural, propostos por Darwin. Portanto, a aproximação com o mecanicismo é superada na ciência do comportamento humano.

Dessa forma, na obra de Skinner observam-se mudanças de acordo com o período analisado (entre as décadas de 30 e 80), que podem ter relação com as concepções metodológicas adotadas. Tais mudanças também afetam a forma como o autor trata do conceito de comportamento verbal.

Rubano (1999), realizou um estudo cujo objetivo foi analisar teoricamente a obra de Skinner relacionada ao comportamento verbal em textos anteriores a 1957, ano de publicação do livro *Verbal Behavior*. Para isso, utilizou o trabalho de Micheletto (1995) para identificar as influências, as concepções e as modificações ocorridas na obra de Skinner. Os textos de Skinner foram selecionados por título, com base em uma listagem feita por Carrara (1992), e nos resumos obtidos de uma listagem produzida no trabalho de Sério (1990). O material foi lido em ordem cronológica de publicação e seus trechos foram classificados de acordo com categorias criadas por Rubano. O material lido foi comparado com a obra *Verbal Behavior* e com os trabalhos de referência sobre pressupostos epistemológicos e conceituais.

Em 1938, Skinner publica o primeiro livro com o conceito de comportamento operante, *The Behavior of Organisms*. De acordo com Rubano (1999), após 1938 Skinner ainda utiliza conceitos relacionados ao reflexo. Em 1939, por exemplo, uma palavra é tida como capaz de eliciar uma resposta do sujeito. Já após 1939, o termo eliciação passa a ser substituído por emissão, o que delimita o estudo do comportamento verbal como comportamento operante, em acordo com a definição do autor em 1957. Neste período (de 1938 a 1957), a noção de força da resposta é substituída pela noção de probabilidade, de

maneira semelhante à definição de 1957, na qual a força é definida pela probabilidade de uma resposta ser emitida. Por fim, o conceito de reserva⁵ é abandonado.

O ano de 1945 é um momento de ruptura com explicações do comportamento humano anteriores, com a publicação do artigo “*The operational analysis of psychological terms*”, no qual Skinner busca compreender comportamentos complexos com base na perspectiva de uma ciência do comportamento humano. Com relação ao comportamento verbal, a partir desse ano passam a ser tratados aspectos que não haviam sido analisados anteriormente, como significado, consciência, pensamento, conhecimento e abstração.

De acordo com Rubano (1999), manteve-se, em todo o período analisado (de 1938 a 1957), o compromisso de Skinner “com uma ciência experimental, analítica, que caminhava do simples ao complexo, que se revela, inclusive, pelo trajeto pelo qual passa a investigação e análise do comportamento verbal” (p. 151). Além disso, manteve-se como objetivo da ciência do comportamento a descrição de relações funcionais, a previsão e o controle do comportamento e a adoção de uma postura determinista, monista e antimentalista.

Siracusa (2018) teve como objetivo de seu trabalho: “analisar a evolução dos estudos de Skinner sobre comportamento verbal após a publicação do livro *Verbal Behavior* (1957): alterações, complementos, reiteraões e exclusões” (p. 15). Para isso, Siracusa, com base em uma listagem cronológica das publicações de Skinner feita por Andery, Micheletto e Sérgio (2004), realizou uma procura de palavras de busca no título, resumo, subtítulo, primeiros dois parágrafos ou índice remissivo de todas as publicações de Skinner após o ano de 1957. Depois de selecionadas, as publicações foram lidas em ordem cronológica e categorizadas.

⁵ “Reserva” é um conceito adotado por Skinner para descrever a relação entre o condicionamento e o número de respostas observadas no processo de extinção. Assim, a funcionaria como um depósito do qual as respostas emitidas no condicionamento seriam futuramente evocadas

Siracusa (2018) afirma que, em 1986, Skinner complementa a definição proposta em 1957, ao incluir como critério para se classificar um comportamento como verbal a evolução da comunidade verbal responsável por treinar o mediador do reforço. Além disso, Skinner deixa de utilizar o conceito de transcrição como um operante verbal, e os operantes verbais “ditado” e “ditado apontado” passam a ser incluídos no operante verbal cópia. Dessa forma, a modificação da definição de comportamento verbal feita por Skinner enfatiza a importância de uma comunidade verbal para a compreensão desse comportamento.

Comunidade verbal

Conforme visto anteriormente, uma definição completa de comportamento verbal deve incluir (1) comportamento operante cuja consequência é mediada, (2) o mediador especialmente treinado por uma comunidade verbal (3) cujas práticas são transmitidas entre gerações. Assim, a comunidade verbal parece constituir parte relevante da definição de comportamento verbal.

No entanto, no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner aponta que “uma análise funcional da comunidade verbal não faz parte deste livro” (p. 461. tradução nossa). Ainda assim, ao longo dessa obra Skinner faz diversas referências à comunidade verbal e a seu papel sobre o comportamento do falante. De acordo com Skinner:

O condicionamento especial do ouvinte é o ponto crucial do problema. Comportamento verbal é modelado e mantido por um ambiente verbal - por pessoas que respondem ao comportamento de certas maneiras por causa das práticas do grupo do qual são membros. Essas práticas e a interação resultante

de falante e ouvinte originam os fenômenos que são considerados aqui sob a rubrica de comportamento verbal (tradução nossa; p. 226)

Dessa forma, a compreensão do comportamento verbal depende da compreensão do processo pelo qual um ambiente verbal leva o ouvinte a se comportar de determinada maneira com relação ao comportamento do falante.

Passos (1999) define uma comunidade verbal como “um conjunto de falantes e ouvintes que apresentam comportamento verbal e respostas ao comportamento verbal resultantes de práticas reforçadoras relativamente homogêneas.” (p. 273)

De acordo com Passos (1999), Skinner apresenta diversos subtipos de comunidade verbal, aos quais um mesmo indivíduo é exposto ao longo de sua vida e que podem afetar seu comportamento. Os maiores subtipos de comunidades verbais são as línguas, que compreendem diferentes grupos, que usam vocabulários diversos (como o vocabulário típico de um grupo de psicólogos, engenheiros, etc). Outro subtipo de comunidade verbal é a literária, na qual são reforçadas respostas verbais imaginativas, metafóricas e que produzem efeitos emocionais. Por fim, também é mencionada como subtipo de comunidade verbal, analisada por Skinner (1957), a científica.

De acordo com Guerin (1997), comunidade verbal pode ser definida como: “... grupos que modelam vagamente ou indiscriminadamente e se engajam em modelagem recíproca por um longo período. (p. 234)”. O processo vago de modelagem é descrito por Guerin (1997) como um processo no qual as consequências que mantêm o comportamento são generalizadas com relação ao tempo, contexto ou ambiente, pessoas e comportamentos.

Burton (1994) define a comunidade verbal como “uma entidade histórica em transformação, que se liga fortemente com outras categorias sociais, tais como classe, meios

de produção e de reprodução, culturas dominantes e subordinadas, mídia e práticas ideológicas, tais como religião ou ciência” (p. 90).

De maneira complementar, Burton (1994) destaca outros pontos relevantes para a definição da comunidade verbal e para o tratamento dado a ela por Skinner:

Skinner usa o termo comunidade verbal para definir aquele ambiente social especial que estabelece e mantém repertórios verbais. Já temos, no entanto, a sugestão de que há mais envolvido do que o ambiente interpessoal imediato, uma vez que comunidade implica complexidade, estrutura e relações com propósitos humanos particulares. Algumas vezes, Skinner escreve sobre a comunidade verbal em um sentido ativo, como quando lida com vários problemas, ao se estabelecer repertórios verbais particulares, mas ele é silencioso sobre como devemos conceber a comunidade verbal (p. 92)

A comunidade verbal também tem um papel relevante na criação do que é chamado comumente de consciência. A concepção de comunidade verbal permite a compreensão da influência das características de uma certa comunidade na descrição de eventos privados. Além disso, uma comunidade verbal não apenas é influenciada pelas práticas de uma dada cultura, como também faz parte dessa cultura e a influencia. (Burton, 1994)

Uma vez que há essa relação indissolúvel entre a comunidade verbal e a cultura em que seus membros se inserem, a forma pela qual descrevemos o mundo e nossos próprios sentimentos refletem a sociedade da qual fazemos parte, inclusive suas relações de opressão e dominação. Isto pode limitar as maneiras pelas quais seria possível extrapolar as práticas culturais presentes e modificá-las. Paradoxalmente, é justamente pela sua relevância que o conhecimento da comunidade verbal pode auxiliar os movimentos emancipatórios a irem

além daquilo que é dado, “ainda que as nossas tentativas carreguem marcas de onde começamos” (Burton, 1994, p. 95, tradução nossa) .

Ao analisar o comportamento verbal dos analistas do comportamento no que se refere aos conceitos de subjetividade e de eventos privados, Borba e Tourinho (2009) apresentam um papel central da comunidade verbal. Um primeiro aspecto mencionado por eles é que entender conceitos científicos como respostas verbais emitidas por uma comunidade verbal científica aproxima a análise do comportamento de noções anti-essencialistas. De acordo com esses autores:

O reconhecimento de que respostas verbais científicas são mantidas por uma comunidade verbal, em contraste com a ideia de que representam com maior ou menor precisão realidade (sic), sugere que um compromisso com propostas ou posições representacionistas seria inconsistente com a visão de ciência na (sic) qual a Análise do Comportamento se aproxima. (p. 90)

Borba e Tourinho (2009) afirmam que, em uma perspectiva analítico-comportamental, termos como subjetividade devem ser analisados como respostas verbais selecionadas por uma comunidade verbal. Assim, “o papel da comunidade verbal é essencial para compreender os conceitos cognitivos e emocionais em uma perspectiva relacional.... Salientar essa importância é fundamental para uma abordagem pragmatista da subjetividade” (p. 93).

Dessa forma, a compreensão da comunidade verbal ocupa um espaço central no entendimento da criação da consciência, da reprodução de relações de opressão, da

formulação e da manutenção de práticas da literatura, da ciência e da própria cultura de que fazemos parte. Dada a importância da noção de comunidade verbal, dado o fato de que em estudos sobre o comportamento verbal, como os de Fidalgo (2011), Rubano (1999) e Siracusa (2018), o conceito de comunidade verbal não foi objeto de análise e dado, ainda, que não há consenso quanto à definição de comunidade verbal, no presente estudo, pretende-se analisar como Skinner, ao longo de suas publicações (do início ao fim de sua obra), caracteriza e define a comunidade verbal, que papéis lhe atribui e de que modo sugere que ela cumpre esse papel.

Método

Documentos e procedimento de busca

Siracusa (2018) tinha como objetivo analisar a evolução dos estudos de Skinner sobre comportamento verbal após a publicação do livro *Verbal Behavior* (1957), as alterações, complementos, reiteraões e exclusões realizadas. Uma vez que os objetivos de estudo de Siracusa se assemelham aos do presente estudo, e que ela apresenta um método claro e bem delimitado, o método empregado em seu estudo foi utilizado como base para a realização do presente trabalho.

A listagem das obras de Skinner feita por Andery, Micheletto e Sérgio (2004) foi utilizada como base para a seleção dos documentos utilizados no presente estudo. Essa listagem apresenta a referência de 295 publicações de Skinner, em ordem cronológica, em uma tentativa de incluir todas as publicações do autor.

Para o acesso às obras completas referenciadas na listagem, realizou-se uma busca no Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento (LEHAC), da PUC-SP, além de consulta do acervo pessoal de uma professora do Programa de Psicologia Experimental da PUC-SP.

Para a delimitação das palavras de busca que seriam empregadas, utilizou-se como base o estudo de Siracusa (2018), que complementou as palavras de busca utilizadas por Fidalgo (2011) com outras palavras que fizessem alusão aos conceitos relacionados ao comportamento verbal já existentes. Para o presente estudo, tornou-se relevante utilizar as palavras de busca *verbal community* e *verbal environment*, uma vez que se trata do principal

conceito aqui estudado. As palavras de busca utilizadas foram: *verbal community* e *verbal environment*.

A seleção de artigos se deu pela busca dessas palavras no título, resumo e palavras-chave. Quando disponíveis, foram utilizados "índices remissivos" de publicações de Skinner elaborados por Micheletto e Sérgio com base em suas leituras dos textos e disponibilizados para consulta. A seleção de capítulos de livros ocorreu pela busca dessas palavras no título de cada capítulo, subtítulos, primeiros dois parágrafos de cada subtítulo ou índice remissivo, quando a publicação não estava disponível em formato PDF (Formato Portátil de Documento). Quando a publicação estava disponível em formato PDF, o arquivo foi aberto no programa Adobe Reader XI, e a ferramenta "Find" (Ctrl+F) foi utilizada para localizar os trechos que continham as palavras de busca.

Foi utilizado também o artigo de Whitley (1985), que identifica as entradas da coleção *Notebooks* que estão relacionadas ao comportamento verbal. Nesse artigo, são identificadas 282 entradas, de um total de 687, que se relacionam com o comportamento verbal. Neste caso, todas as 282 entradas foram lidas integralmente.

Procedimento de coleta e análise

Após a seleção inicial de todas as publicações de Skinner que tratam de comportamento verbal, cada publicação foi lida integralmente e foram selecionadas aquelas que tratavam do conceito de comunidade verbal.

Cada publicação selecionada conforme mencionado no parágrafo anterior foi lida na íntegra, em ordem cronológica e foram identificados os trechos de interesse segundo as categorias de análise propostas. Esses trechos foram analisados e categorizados. Para isso, cada um deles foi relido e grifado em uma cor diferente, de acordo com a categoria em que se

enquadrava. Em seguida, foi transcrito em uma planilha Microsoft Excel. Cada trecho podia ser enquadrado em mais de uma categoria ao mesmo tempo e, caso fosse necessário, novas categorias poderiam ser criadas ao longo da análise.

A planilha, nos moldes da proposta de Siracusa (2018), continha em suas colunas: ano de publicação; referência completa; capítulo (quando livro); subtítulo do capítulo; página; palavra(s) de busca com que o trecho foi selecionado; e trecho selecionado. Este último foi inserido em colunas relativas às categorias a que se referiam.

As categoriais inicialmente propostas para análise dos trechos selecionados foram baseadas em leituras preliminares sobre o tema para a elaboração do projeto, que incluíram capítulos do livro *Verbal Behavior* (1957), as teses de doutorado de Rubano (1999), Sérgio (1994) e Passos (1999) e a dissertação de mestrado de Siracusa (2018). Essas categorias são apresentadas a seguir:

Definição de comunidade verbal: aspectos que caracterizam a comunidade verbal, que identificam aquilo que é considerado uma comunidade verbal (enquanto um ambiente social, enquanto conjunto de falantes e ouvintes).

Comunidade verbal como “variável independente”: efeitos das práticas da comunidade verbal sobre os comportamentos de seus membros (dos falantes, dos ouvintes), sobre comportamentos de membros de outras comunidades verbais, entre outros.

Comunidade verbal como “variável dependente”: efeitos de diferentes variáveis sobre as práticas da comunidade verbal.

Relação entre ouvinte e comunidade verbal: identificação de práticas da comunidade verbal em relação aos ouvintes (disposição de contingências para a instalação, a manutenção e a alteração de repertórios do ouvinte; e alterações de práticas da comunidade como consequência do comportamento de ouvintes).

Relação entre falante e comunidade verbal: (disposição de contingências para a instalação, a manutenção e a alteração de repertórios do falante; e alterações de práticas da comunidade como consequência do comportamento de falantes).

Comunidade verbal como prática cultural: comunidade verbal enquanto um terceiro nível de seleção (como uma prática que é transmitida ao longo de gerações, como prática que se modifica ao longo de períodos de tempo extensos, como uma prática na qual há entrelaçamento de contingências e diversos indivíduos estão envolvidos)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme previamente descrito, com base na leitura de trechos que continham os termos “verbal community” ou “verbal environment” ao longo da obra de Skinner, foram criadas as categorias de análise: definição/características da comunidade verbal; relações com outras áreas; subcomunidades verbais e práticas reforçadoras; comunidade verbal como variável dependente; relação entre ouvinte e comunidade verbal; privacidade; relação entre falante e a comunidade verbal.

Definição/características de comunidade verbal

Foram incluídos nessa categoria os trechos em que Skinner discute definições e/ou características da comunidade verbal. Não foi encontrada, para essa categoria, uma definição sobre o que é comunidade verbal, mas sim as características que permitem que se estabeleçam os principais aspectos que a compõem.

No presente estudo, com base na leitura e na análise feita dos textos de Skinner, os termos “comunidade verbal” e “ambiente verbal” foram utilizados intercambiavelmente:

O comportamento verbal é modelado e mantido por um ambiente verbal – por pessoas que respondem ao comportamento de certas formas por causa das práticas do grupo do qual são membros. (Skinner, 1986, p. 121)⁶

Neste trecho, torna-se evidente que, apesar de o termo “ambiente verbal” não apresentar em si uma conotação relacionada a uma prática grupal, como no termo

⁶ Do original: “The verbal behavior is shaped and maintained by a verbal environment - people who respond in certain ways because of the the practices of the group wich they are members”

“comunidade verbal”, Skinner define o ambiente verbal como pessoas que respondem de acordo com práticas de um grupo.

A primeira característica da comunidade verbal apontada por Skinner (1948) é sua importância para a compreensão do comportamento verbal:

A grande contribuição do comportamento verbal é a resposta manifesta direta que é efetiva sobre um ambiente verbal externo. Como veremos..., a realização humana permanente é o próprio ambiente verbal, no qual a realização individual sobrevive, se é que o faz, apenas através de uma mudança nas condições que deverão produzir o comportamento verbal do futuro. (p. 157)⁷

Assim, o comportamento verbal apenas é efetivo quando produz mudanças na comunidade verbal. Isso faz com que a comunidade verbal, justamente por possibilitar o comportamento verbal, seja a principal conquista humana. É por causa dela que comportamentos verbais complexos surgem e se mantêm, incluindo as formas de conhecimento humano.

Ao apresentar a discussão sobre comunidade verbal, Skinner (1948) a coloca como um fenômeno próximo à chamada linguagem. De acordo com Skinner:

Um ambiente verbal é talvez o mais próximo que chegaremos da noção tradicional de “uma linguagem”. Como um ambiente surge é um problema em si. Como ele começou é a antiga questão da origem da linguagem. Nós somos

⁷ Do original: “The great contribution of verbal behavior is the direct overt response which is effective upon an external verbal environment. As we shall see next week, the abiding human achievement is the verbal environment itself, in which individual achievement survives, if at all, only through a change in the conditions which are to produce the verbal behavior of the future”

requeridos apenas a mostrar que um ambiente verbal poderia ter surgido de circunstâncias não verbais. Estamos em uma posição melhor para dizer como ele cresce e se modifica, porque isso algumas vezes pode ser observado. (*tradução nossa*, p. 23)⁸

Assim, o que é chamado de comunidade verbal pode ser visto como o que tradicionalmente é chamado de linguagem. Tal aspecto é ressaltado posteriormente por Skinner, em 1986, ao tratar da evolução do comportamento verbal: “Estritamente falando, o comportamento verbal não evolui. Ele é o produto de um ambiente verbal ou do que linguistas chamam de uma linguagem, e é o ambiente verbal que evolui. (*tradução nossa*, p. 115)”⁹. Assim, Skinner demonstra que o comportamento verbal é produto de um ambiente verbal: as mudanças do ambiente verbal é que fazem com que o comportamento verbal se modifique. Novamente, é demonstrada a importância da comunidade verbal no estudo do comportamento verbal. Uma vez que mudanças no comportamento verbal são fruto de mudanças na comunidade verbal, torna-se importante analisar como esse ambiente evolui e quais as variáveis responsáveis por tais modificações.

Nos dois trechos descritos anteriormente, Skinner apresenta também que a comunidade verbal evolui, cresce e se modifica. Em 1948, Skinner resalta que a comunidade verbal provavelmente surgiu de um ambiente não verbal. Como a comunidade verbal evolui e, como consequência, modifica o comportamento verbal também é discutido pelo autor em

⁸ Do original: “A verbal environment is perhaps as close as we shall come to the traditional notion of “a language.” How an environment arises is a problem in its own right. How it began is the old question of the origin of language. We are required only to show that a verbal environment could have arisen from non-verbal circumstances. We are in a better position to say how it grows and changes, for this can sometimes be observed. A verbal environment is the product of a long interchange between speakers and listeners, each changing the behavior of the other in some degree. The historical process need not be considered for our present purposes, since at any given time we can observe the conditions which obtain. We can discover how verbal responses are actually reinforced in a given verbal environment.”

⁹ Do original: “Strictly speaking, verbal behavior does not evolve. It is the product of a verbal environment or what linguists call a language, and it is the verbal environment that evolves.”

1986. Skinner aponta para a dificuldade em reconstruir a história do surgimento do comportamento verbal, uma vez que este não deixa vestígios. Porém, seria possível fazer uma inferência de como esse processo pode ter ocorrido: “A plausibilidade de uma reconstrução depende em parte do tamanho de variações que se assume que ocorreram; quanto menores as variações, mais plausível a explicação (p. 115)”¹⁰. Então, assume-se que a comunidade verbal evolui a partir de pequenas variações que foram selecionadas, semelhantes ao processo de modelagem, no qual pequenas instâncias do comportamento são gradualmente reforçadas (Skinner, 1986)

De acordo com Skinner (1986), o processo de sinalização parece ter sido o primeiro passo para o comportamento verbal. Tal repertório parece ter como pré requisitos os repertórios da espécie de imitação e modelação. Segundo Skinner, muitos gestos de sinalização, como, por exemplo, o de chamar alguém, parecem ter origem em uma interação estritamente física entre duas ou mais pessoas. Assim, tais respostas passaram a ser gradualmente emitidas como gestos e reforçadas pelo ambiente verbal.

O comportamento vocal, tido como um grande passo no surgimento do comportamento verbal, possui vantagens especiais. Os sons emitidos têm vantagens em ocasiões nas quais o ouvinte não pode ver o falante ou quando o falante tem as mãos ocupadas; além disso, permite uma ampla variedade de topografias. Tais respostas vocais provavelmente tiveram origem filogenética (como, por exemplo, o choro de um bebê) e passaram a ter função operante quando passaram a ser reforçadas de outras formas pelo grupo (por exemplo, quando ao chorar o bebê obtêm alimento e presença de cuidadores por perto) (Skinner, 1986).

¹⁰ Do original: “The plausibility of a reconstruction depends in part upon the size of the variations that are assumed to have occurred; the smaller the variations, the more plausible the explanation.”

Skinner (1987) apresenta que o comportamento verbal evolui inicialmente através da sinalização filogenética. Dessa sinalização, passam a se sobrepor contingências de sinalização ontogenética, para, então, o comportamento vocal ocorrer. O comportamento vocal é, para Skinner, o principal passo para que a espécie humana adquirisse suas características especiais:

A espécie humana deu um passo crucial quando sua musculatura vocal ficou sob controle operante na produção de sons de fala. De fato, é possível que todas as realizações distintivas da espécie possam ser originadas dessa mudança genética. (p. 117)¹¹

Foi, então, através do controle operante da musculatura vocal que foi possível a emissão de respostas verbais que seriam, então, reforçadas diferencialmente por uma comunidade verbal.

Ao discorrer sobre as características da comunidade verbal, Skinner apresenta desde 1948 o que a compõe:

Um ambiente verbal é o produto de uma longa interação entre falantes e ouvintes, cada um modificando o comportamento do outro em algum grau. O processo histórico não precisa ser considerado para nossos propósitos presentes, desde que em qualquer dado momento possamos observar as

¹¹ Do original: “The human species took a crucial step forward when its vocal musculature came under operant control in the production of speech sounds. Indeed, it is possible that all the distinctive achievements of the species can be traced to that one genetic change. Other species behave vocally, of course, and the behavior is sometimes modified slightly during the lifetime of the individual (as in birdsong, for example), but there the principal contingencies of selection have remained phylogenic-either physical (as in echo location) or social. Parrots and a few other birds imitate human speech, but it is hard to change the behavior or bring it under stimulus control through operant conditioning.”

condições presentes. Podemos descobrir como respostas verbais são de fato reforçadas em um dado ambiente verbal. (*grifo nosso, tradução nossa*, p. 23)¹²

Ao apresentar aspectos aqui analisados como importantes para a definição de comunidade verbal - o reforçamento de respostas específicas e uma relação longa e contínua entre falantes e ouvintes -, é possível observar uma semelhança com a definição dada por Guerin (1997) e já discutida anteriormente. Na definição de Guerin, "...grupos que modelam vagamente ou indiscriminadamente e se engajam em modelagem recíproca por um longo período. (p. 234)" consistiriam uma comunidade verbal. A definição de Guerin apresenta ainda que o reforçamento de respostas específicas se daria por meio da modelagem e que esta seria recíproca, o que não foi discutido por Skinner.

Ainda em 1948, a comunidade verbal foi definida por Skinner como sendo também composta por audiências:

Se começarmos com a noção de uma proposição como "algo que pode ser dito em qualquer língua", então em vez de procurar por esse algo nós podemos perguntar por que existem diferentes línguas. A resposta é que o ambiente verbal provê contingências de reforçamento diferentes porque é composto por diferentes audiências, no sentido presente. (*tradução nossa*, p. 23)¹³

¹² Do original: "A verbal environment is the product of a long interchange between speakers and listeners, each changing the behavior of the other in some degree. The historical process need not be considered for our present purposes, since at any given time we can observe the conditions which obtain. We can discover how verbal responses are actually reinforced in a given verbal environment."

¹³ Do original: "If we begin with the notion of a proposition† as "something which may be said in any language," then, instead of looking for the something, we may ask why there are different languages. The answer is that the verbal environment provides different contingencies of reinforcement because it is composed of different audiences in the present sense. Whatever a proposition may turn out to be as an effective variable in the control of verbal behavior, it is clearly not "free" to be expressed in any form. The form is determined by the audience, and the final state of affairs will be exactly as if there were only one audience and only one expression. But in that case, most writers would be willing to identify the proposition with the verbal response. But we are again anticipating a discussion of verbal thought."

Em outros momentos de sua obra, Skinner ressalta que a comunidade verbal é composta por ouvintes, não reiterando o fato de ser composta por falantes. Segundo Skinner (1957): "a comunidade verbal, como um conjunto de ouvintes, força a fala em direção a um nível padrão de velocidade, de energia e de repetitividade"¹⁴ (*tradução nossa*, p. 217).

Aqui, Skinner discorre sobre a comunidade verbal enquanto conjunto de ouvintes que reforçam um padrão verbal específico no que diz respeito à velocidade da fala, sua energia e repetitividade. Apesar disso, pode-se interpretar que Skinner não exclui os falantes como parte característica da comunidade verbal, mas sim que passa a ter um enfoque maior nos ouvintes como parte desta comunidade.

A comunidade verbal como composta por ouvintes é reiterado em 1986: "Uma vez que o ambiente verbal é composto por ouvintes, é compreensível que a linguística enfatize o ouvinte" (*tradução nossa*, p. 115).¹⁵

Em 1948, nos documentos denominados "William James Lectures", Skinner apresenta a comunidade verbal como "um ambiente no qual respostas são reforçadas caracteristicamente de certas formas" (p. 23). Assim, a primeira característica de uma comunidade verbal é a de reforçar respostas de certas maneiras específicas. Seria, então, esse reforçamento por parte de um membro de uma comunidade que tornaria o comportamento verbal possível. Além disso, esse reforçamento ocorre diante de estímulos antecedentes específicos e de uma resposta verbal específica: por exemplo, diante de um objeto cadeira, apenas a resposta "cadeira" seria reforçada e outras respostas poderiam ser punidas ou extintas.

¹⁴ Do original: "The verbal community, as a collection of listeners, forces speech toward a standard level of speed, energy, and repetitiveness."

¹⁵ Do original: "Since the verbal environment is composed by listeners, it is understandable that linguistic emphasize the listener"

Este aspecto definidor da comunidade verbal não apresenta uma novidade no que diz respeito à proposta skinneriana: o reforçamento seria o princípio comportamental que permitiria que qualquer comportamento operante ocorresse e tivesse sua probabilidade futura aumentada. Apesar disso, ao apresentar que esse reforçamento ocorre através de uma comunidade verbal, é ressaltado o papel dessa comunidade em todo episódio verbal, ainda que a interação ocorra entre apenas um ouvinte e um falante.

A comunidade verbal também é apresentada por Skinner (1957) como práticas de um grupo que geram ou produzem comportamento verbal:

O condicionamento especial do ouvinte é o cerne do problema. O comportamento verbal é modelado e mantido por um ambiente verbal – por pessoas que respondem ao comportamento de certas formas por causa das práticas do grupo do qual são membros. Essas práticas e a interação resultante de falante e ouvinte geram os fenômenos que são considerados aqui sob a rubrica de comportamento verbal (p. 12)¹⁶

Assim, o ambiente verbal consiste em práticas de um grupo. O resultado dessas práticas seria a interação entre falante e ouvinte, o comportamento verbal. Além disso, as práticas do grupo podem funcionar de diversas maneiras: respostas verbais podem ser punidas, podem ser reforçadas diferencialmente, respostas incondicionadas podem se tornar estímulos para respostas verbais, e os mais diversos padrões de respostas verbais podem ser instalados, a depender das práticas do grupo.

¹⁶ Do original: “The special conditioning of the listener is the crux of the problem. Verbal behavior is shaped and sustained by a verbal environment—by people who respond to behavior in certain ways because of the practices of the group of which they are members. These practices and the resulting interaction of speaker and listener yield the phenomena which are considered here under the rubric of verbal behavior.”

Subcomunidades verbais

Nessa categoria, foram consideradas subcomunidades verbais grupos os quais Skinner denomina comunidades verbais, mas que possuem características e práticas reforçadoras específicas e diferentes de outras subcomunidades.

Essas subcomunidades não são, é claro, necessariamente compostas por membros diferentes. Por vezes, uma comunidade modela e mantém o comportamento divertido de poetas e contadores de história; outras vezes, e, geralmente, com relação a outros falantes, ela modela e mantém comportamento verbal que gera resultados práticos.. (p. 427) ¹⁷

Dessa forma, os mesmos membros podem participar de diferentes comunidades verbais e, em cada uma delas, apresentar diferentes repertórios comportamentais.

Ao longo de toda a sua obra, Skinner apresenta subcomunidades verbais específicas e descreve algumas delas. São exemplos: a comunidade verbal científica e a literária (também chamada de poética).

As comunidades verbais científica e literária recebem especial atenção do autor ao longo do livro *Verbal Behavior* (1957), mas os principais aspectos da definição são observados desde 1948. Skinner define a comunidade científica como uma comunidade cujas respostas verbais são reforçadas com base na sua relação com o fenômeno observado: respostas verbais de tato "puro" são reforçadas, enquanto tatos distorcidos são punidos pela comunidade. De acordo com Skinner, isto se dá porque a história da ciência e da lógica

¹⁷ Do original: "These subcommunities are not, of course, necessarily composed of different members. At times a community shapes and maintains the entertaining behavior of poets and story-tellers; at other times, and usually with respect to other speakers, it shapes and maintains verbal behavior which yields practical results."

demonstram uma preocupação especial com ação bem sucedida no ambiente -, o que não é o caso da comunidade verbal literária. De acordo com Skinner (1957):

Na história da lógica e da ciência nós podemos traçar o desenvolvimento de uma comunidade verbal especialmente preocupada com o comportamento verbal que contribui para ação bem sucedida. O comportamento mantido por essa comunidade difere dos meios empregados para mantê-la, como o discurso efetivo, por exemplo, difere de regras para o discurso efetivo. (p. 457)¹⁸

Na comunidade verbal científica, para que a ação prática seja bem sucedida, é encorajado o controle de estímulos estrito de maneira que um objeto ou uma propriedade do objeto sejam identificados:

A comunidade científica encoraja o controle de estímulos preciso, sob o qual um objeto ou propriedade de um objeto é identificado ou caracterizado de tal modo que a ação prática será mais efetiva. Ela condiciona respostas sob circunstâncias favoráveis, em que propriedades relevantes e irrelevantes de estímulos podem geralmente ser manipuladas. (Skinner, 1957, p. 458)¹⁹

Assim, a comunidade científica reforça respostas nas quais as propriedades do estímulo podem ser manipuladas. A comunidade científica cria também termos específicos para nomear estímulos:

¹⁸ Do original: “In the history of logic and science we can trace the development of a verbal community especially concerned with verbal behavior which contributes to successful action. The behavior maintained by that community differs from the devices employed to maintain it, as effective discourse, for example, differs from rules for effective discourse”

¹⁹ Do original: “The scientific community encourages the precise stimulus control under which an object or property of an object is identified or characterized in such a way that practical action will be most effective. It conditions responses under favorable circumstances, where relevant and irrelevant properties of stimuli can usually be manipulated”

A comunidade lógica e científica aprimora o controle discriminativo de respostas verbais com esquemas classificatórios. O cientista chama um rato de roedor não apenas por ter adquirido um nome científico para um tipo particular de animal, mas porque seu comportamento verbal é controlado por uma propriedade genérica que a comunidade científica apontou ao estabelecer um operante classificatório. (*tradução nossa*, p. 427)²⁰

A comunidade verbal científica, de acordo com Skinner (1957), agiria também de forma a tolerar extensões genéricas, mas punir, de maneira geral, extensões metonímicas, metafóricas e solecísticas; e quando extensões metafóricas ocorrem, suas propriedades controladoras são enfatizadas.

Assim, todas as respostas verbais que utilizam recursos semelhantes aos da poesia (humor, sagacidade e força) não são reforçadas e podem ser punidas:

Comportamento verbal científico é maximamente efetivo quando está livre de fontes múltiplas de força; e humor, sagacidade, estilo, os dispositivos da poesia, e recombinações fragmentárias e distorções de forma são, todas, não reforçadas, se não forem, de fato, punidas, pela comunidade científica. (*tradução nossa*, Skinner, 1957, p. 458)²¹

Além disso, a comunidade lógica e científica atua de forma a eliminar respostas verbais - textuais e ecóicas - indesejadas:

²⁰ Do original: "The scientific and logical community sharpens the discriminative control of verbal responses with classificatory schemes. The scientist calls a rat a rodent not only because he has acquired a scientific name for a particular kind of animal but because his verbal behavior is controlled by a generic property which the scientific community has pointed up by establishing a classificatory operant."

²¹ Do original: "Scientific verbal behavior is most effective when it is free of multiple sources of strength; and humor, wit, style, the devices of poetry, and fragmentary recombinations and distortions of form all go unreinforced, if they are not actually punished, by the scientific community."

A comunidade lógica e científica também refina e restringe o comportamento verbal em resposta a estímulos verbais. Garantir a acurácia dos comportamentos ecóico e textual é um exemplo óbvio; é importante saber o que foi de fato dito, tanto na forma vocal quanto na escrita. Em geral, no entanto, práticas são delineadas para esclarecer a relação entre uma resposta verbal dada a um estímulo verbal e as circunstâncias não verbais responsáveis por ela. (*tradução nossa*, Skinner, 1957, p. 459)²²

Há, então, uma grande importância para a comunidade científica no refinamento de respostas verbais ecóicas e textuais, uma vez que estas demonstram uma relação entre o que foi dito pelo cientista e aquilo que este leu ou ouviu. Assim, a comunidade busca reforçar as respostas adequadas e pode tanto extinguir quanto punir respostas desse tipo inadequadas, ao longo da vida de um cientista (Skinner, 1957). Além disso, a comunidade lógica e científica também regula respostas intraverbais emitidas pelos membros da comunidade:

A comunidade lógica e científica elimina respostas intraverbais que interferem na “cadeia lógica de pensamento”. Sells descreveu algumas destas em seu estudo sobre o “efeito atmosférico”. A comunidade se resguarda contra respostas colaterais confusas ou enganosas a estímulos verbais de diversas formas. Um vocabulário científico especial (usado em um dado “universo do discurso”) é relativamente livre de respostas sob outras formas de controle de estímulos - isto é, de relações intraverbais supérfluas. Os símbolos que

²² Do original: “The logical and scientific community also sharpens and restricts verbal behavior in response to verbal stimuli. Assuring the accuracy of echoic and textual behavior is an obvious example; it is important to know what was actually said, in either vocal or written form. In general, however, practices are designed to clarify the relation between a verbal response made to a verbal stimulus and the nonverbal circumstances responsible for it. The community is concerned with getting back to the original state of affairs and with avoiding any distortion due to the intervening verbal linkage”

aparecem tão frequentemente no comportamento lógico e científico (geralmente como substitutos para termos do vocabulário comum) são especialmente importantes na eliminação de respostas ecóicas, textuais e intraverbais indesejadas. (*tradução nossa*, Skinner, 1957, p. 460)²³

Dessa forma, o uso de vocabulário científico específico torna-se relevante para eliminar respostas intraverbais indesejadas. Um exemplo seria a própria terminologia utilizada por Skinner: ao aderir ao termo “comportamento verbal”, evitou-se o surgimento de respostas intraverbais indesejadas que geralmente acompanham termos como “linguagem” e “fala”, por exemplo.

Assim, de acordo com Skinner (1957), os repertórios verbais típicos de uma comunidade verbal científica seriam mantidos pelas consequências dessas ações – chamadas por ele de consequências práticas. Uma vez que essas consequências dificilmente seriam geradas apenas por um membro dessa comunidade, é possível analisar que essa seria uma consequência da prática do grupo.

Já com relação à comunidade literária, não é necessária essa relação fidedigna entre o evento ocorrido e a resposta verbal: são emitidos diversos atos distorcidos, uma vez que o reforçador nessa comunidade é a mudança do estado emocional do leitor. De acordo com Skinner (1957), a comunidade verbal literária surgiu com a “descoberta e a invenção de

²³ Do original: “The logical and scientific community eliminates intraverbal responses which interfere with a “logical train of thought.” Sells described some of these in his study of the “atmosphere effect.” The community guards against confusing or misleading collateral responses to verbal stimuli in several ways. A special scientific vocabulary (used within a given “universe of discourse”) is relatively free of responses under other sorts of stimulus control—that is, of superfluous intraverbal relations. The symbols which appear so often in logical and scientific behavior (often as replacements for terms in the lay vocabulary) are especially important in eliminating unwanted echoic, textual, and intraverbal responses.”

contingências que deram ao comportamento verbal um escopo maior ao enfatizar suas consequências não práticas (p. 457)”.

A comunidade literária também é rica em metáforas, efeitos múltiplos e o que Skinner chama de mágica verbal:

Em primeiro lugar, o comportamento literário é marcado pela “licença”. É rico em mágica verbal, variáveis de controle triviais e efeitos múltiplos. Por essa razão, como vimos, é uma excelente fonte de exemplos de efeitos comportamentais sutis. É também rica em metáfora, não apenas nas figuras coloridas que respondem, em grande parte, pelo comportamento emocional e imaginativo do leitor, mas nas rebuscadas extensões genéricas ou metafóricas, que são semi-intelectuais em seus efeitos, mas que não seriam toleradas nos cânones mais estritos da ciência. (*tradução nossa*, Skinner, 1957, p. 148)²⁴

Assim, na subcomunidade literária são toleradas respostas verbais que não são toleradas na subcomunidade científica. Além disso, Skinner considera que na literatura estão presentes os símbolos:

A literatura é também a esfera do símbolo. Uma resposta simbólica é metafórica; mas onde a metáfora é geralmente útil porque uma resposta não metafórica está faltando, a resposta simbólica emerge porque uma resposta não simbólica está sujeita a punição. O símbolo representa a seleção de uma resposta de um grupo temático no qual outras respostas são enfraquecidas por

²⁴ Do original: “In the first place, literary behavior is marked by “license.” It is rich in verbal magic, trivial controlling variables, and multiple effects. For this reason, as we have seen, it is an excellent source of examples of subtle behavioral effects. It is also rich in metaphor, not only in the colorful figures which account for much of the emotional and imaginal behavior of the reader, but those far-fetched generic or metaphorical extensions which are semi-intellectual in their effect but which would not be tolerated within the stricter canons of science. In scientific writing only a modest metaphorical extension is permitted”

“fontes negativas de força”. Quando um objeto é descrito com um termo simbólica, tatos alternativos, estendidos ou de outra forma são comumente punidos, seja apenas por sua forma, seja quando é emitido em conexão com um estímulo particular. (Skinner, 1957, p. 435)²⁵

Os símbolos seriam, então, empregados na literatura quando outras formas de respostas verbais estão sujeitas a punição. Assim, ele seria uma resposta verbal que não produziria tal punição e que, provavelmente, produziria o mesmo tipo de reforçamento que a resposta punida. Skinner apresenta como exemplo a descrição de um personagem, ocasião na qual as respostas podem ser emitidas sem serem punidas como seriam caso essa descrição fosse muito claramente autobiográfica.

Essas duas comunidades verbais (científica e literária) são diferentes por apresentarem padrões de reforçamento de respostas verbais específicos. A descrição de como subcomunidades verbais reforçam diferentes padrões de comportamento verbal é relevante, uma vez que permite a compreensão de diversos repertórios verbais. Além disso, permite a compreensão das práticas culturais que podem permear o grupo e que são mantidas pela comunidade verbal.

²⁵ Do original: “Literature is also the sphere of the symbol. A symbolic response is metaphorical; but where the metaphor is often useful because a nonmetaphorical response is lacking, the symbolic response emerges because a nonsymbolic response is subject to punishment. The symbol represents the selection of a response from a thematic group in which other responses are weakened by “negative sources of strength.” When an object is described with a symbolic term, alternative tacts, extended or otherwise, are usually found to be commonly punished, either for their form alone or when emitted in connection with a particular stimulus. The emergence of the symbolic form follows from the dynamics of multiple causation and need not represent any special process of composition or editing. What the literary environment has to offer is a tolerance for symbol similar to the tolerance for far-fetched “intellectual” metaphors. As a world in which highly metaphorical language is permitted, it is also a world in which the individual may talk about states of affairs with respect to which most of his verbal repertoire is unavailable because of punishment.”

Relação entre a comunidade verbal e o falante

Foi destacado anteriormente que uma das características da comunidade verbal é reforçar respostas específicas diante de estímulos específicos. Dessa forma, um dos papéis da comunidade verbal seria o de gerar e manter um repertório de falante para um membro dessa comunidade. Dessa forma, nessa categoria foram incluídos trechos que tratassem dessa relação entre a comunidade verbal e o falante, ou seja, a forma pela qual a comunidade verbal modela, mantém, extingue e até mesmo pune respostas verbais do falante, realizando, assim, seu treino como membro dessa comunidade.

Para compreender tal relação, torna-se relevante explicitar o que Skinner trata como falante ao longo de sua obra. De acordo com Skinner (1957), o falante seria aquele que emite a resposta verbal que tem a consequência mediada por um ouvinte. Em diversos casos, o falante pode ser também o próprio ouvinte.

Desde 1948, Skinner apresenta o papel da comunidade verbal no treino do falante. Conforme mencionado acima, a comunidade verbal reforçaria diferencialmente a emissão de respostas verbais específicas diante de estímulos específicos. Mais tarde, em 1957, Skinner reitera isso e explicita como esse reforçamento ocorre:

As interações significativas entre esses termos [respostas verbais e estímulos específicos] podem ser expressas dizendo-se que a comunidade reforça a resposta apenas quando ela é emitida na presença do estímulo. O reforçamento da resposta “vermelho”, por exemplo, é contingente à presença de um objeto vermelho.... Um objeto vermelho, então, se torna um estímulo

discriminativo, uma "ocasião", para a emissão bem sucedida da resposta “vermelho”. (p. 374)²⁶

Assim, diante de um estímulo, apenas uma resposta de uma classe específica é reforçada pela comunidade verbal. Isso aumenta a probabilidade de que, no futuro, respostas verbais semelhantes sejam emitidas diante do mesmo estímulo, que se torna um estímulo discriminativo.

Ainda em 1957, Skinner apresenta o papel da comunidade verbal de reforçar e punir determinadas respostas verbais do falante:

A comunidade funciona como um ambiente reforçador, no qual certos tipos de comportamentos são reforçados e outros punidos, mas é mantida como tal através de outros benefícios em troca. Comportamento verbal é um bom exemplo. Em uma dada comunidade certas respostas vocais são caracteristicamente reforçadas com comida, água e outros serviços ou objetos. Essas respostas se tornam parte do repertório de uma criança tão naturalmente quanto as respostas não verbais reforçadas pelas mesmas consequências. Não importa muito se uma criança obtém uma bebida inclinando-se sobre uma piscina ou falando “eu quero beber água”. Explicar por que água chega [ao falante] no último caso, no entanto, requer uma análise bastante elaborada do ambiente verbal. (p. 215)²⁷

²⁶ “The significant interrelations between these terms may be expressed by saying that the community reinforces the response only when it is emitted in the presence of the stimulus. The reinforcement of the response ‘red’, for example, is contingent upon the presence of a red object. (The contingency need not be invariable.) A red object then becomes a discriminative stimulus, an “occasion,” for the successful emission of the response ‘red’”

²⁷ Do original: “The community functions as a reinforcing environment in which certain kinds of behavior are reinforced and others punished, but it is maintained as such through other return benefits. Verbal behavior is a good example. In a given community certain vocal responses are characteristically reinforced with food, water, and other services or objects. These responses become part of a child's repertoire as naturally as nonverbal responses reinforced by the same consequences. It does not greatly matter whether a child gets a drink by

Esse trecho explicita que a comunidade verbal modifica o repertório do falante através de reforçamento ou punição. A resposta vocal pode ser reforçada em uma comunidade verbal com diversos itens reforçadores, assim fazendo parte do repertório de uma criança.

Na subcategoria “privacidade”, foram enquadrados os trechos que tratavam da relação entre a comunidade verbal e o ensino da descrição de eventos privados pelo falante, assim como os problemas enfrentados pela própria comunidade verbal para tal ensino.

No texto *The Operational Analysis of Psychological Terms*, escrito em 1945, Skinner apresentou uma crítica ao operacionismo e uma análise sobre o comportamento privado que se tornou uma característica do behaviorismo radical. De acordo com Rubano (1999), esse texto marca um rompimento com certos conceitos (como o conceito de reserva) e a alteração de conceitos como o de força.

Skinner (1945) trata da privacidade como o mundo interno de cada um:

A resposta “meu dente dói” está parcialmente sob controle de um estado ao qual apenas o falante pode reagir, já que ninguém mais pode estabelecer a conexão requerida com o dente em questão. Não há nada misterioso ou metafísico sobre isso; o simples fato é que cada falante possui um pequeno, porém importante, mundo privado de estímulos. Até onde sabemos, suas reações a eles são bastante semelhantes a suas reações a eventos externos ...²⁸

bending over a pool or by saying, "I want a drink of water." To explain why the water is forthcoming in the latter case, however, requires a rather elaborate analysis of the verbal environment. It is enough to note here that a verbal environment may maintain itself through its effects upon all participants, quite apart from its function in teaching the language to new members of the community. An adult in a new verbal environment may receive no explicit educational reinforcement but may nevertheless acquire an adequate vocabulary. Some nonverbal customs and manners can be explained in the same way. Moreover, when a custom is perpetuated by a governmental, religious, or educational agency, we may point to the usual return benefits”

²⁸ “The response “My tooth aches” is partly under the control of a state of affairs to which the speaker alone is able to react, since no one else can establish the required connection with the tooth in question. There is nothing

Aqui, Skinner (1945) explicita que estímulos privados seriam aqueles a que apenas a própria pessoa tem acesso. Além disso, afirma que esses estados internos não são explicados metafisicamente, o que afasta sua compreensão de estados internos de explicações mentalistas, que compreendem que esses estímulos seriam de outra natureza, que não física. Então, os membros de uma comunidade verbal possuem eventos privados aos quais os demais membros não têm acesso, mas esses eventos afetam o falante da mesma forma que quaisquer outros eventos, sendo sujeitos às mesmas leis. O problema apontado por Skinner é, então, como a comunidade verbal pode estabelecer fatos sobre esses eventos, já que não possui acesso a eles. Sobre o mesmo tema, Skinner continua:

[...] No entanto, a privacidade levanta dois problemas. A primeira dificuldade é que não podemos, como no caso de estímulos públicos, explicar a resposta verbal apontando para um estímulo controlador. Nossa prática é inferir o evento privado, mas isso se opõe à direção de investigação em uma ciência do comportamento na qual nós devemos prever uma resposta através de, entre outras coisas, um conhecimento independente do estímulo.... Quando se torna possível dizer quais condições dentro do organismo controlam a resposta “eu estou deprimido”, por exemplo, e produzir essas condições à vontade, um grau de controle e predição característico de respostas a estímulos externos se tornará possível. Enquanto isso, nós devemos nos contentar com evidência razoável para a crença de que respostas a estímulos públicos e privados são igualmente sujeitas a leis e parecidas em tipo. (p. 548)²⁹

mysterious or metaphysical about this; the simple fact is that each speaker possesses a small but important private world of stimuli. So far as we know, his reactions to these are quite like his reactions to external events.”

²⁹ Do original: “Nevertheless the privacy gives rise to two problems. The first difficulty is that we cannot, as in the case of public stimuli, account for the verbal response by pointing to a controlling stimulus. Our practice is to infer the private event, but this is opposed to the direction of inquiry in a science of behavior in which we are

Assim, de acordo com Skinner (1945), a questão da privacidade traz como dificuldade principal a falta de acesso da comunidade verbal aos estímulos privados, o que dificulta o reforçamento adequado de respostas verbais sobre esses estímulos, fundamental para o estabelecimento de discriminações entre os falantes dessa comunidade. Assim, se, por exemplo, ao se ensinar a resposta “vermelho” o ouvinte tem acesso ao estímulo “vermelho”, ao ensinar a descrição de um evento privado o ouvinte não tem acesso direto a esse estímulo.

A comunidade verbal busca, então, solucionar essa dificuldade através de estratégias específicas:

...no caso de estímulos privados, pode-se ensinar uma criança a dizer “isso dói”, de acordo com o uso da comunidade, tornando o reforçamento contingente a acompanhamentos públicos de estímulos dolorosos (...dano no tecido, e assim por diante). A conexão entre estímulos públicos e privados não precisa ser invariável; uma resposta pode ser condicionada com reforçamento intermitente e até apesar de uma contingência conflitante ocasional. A possibilidade de tal comportamento é limitada pelo grau de associação de estímulos públicos e privados que suprirão um reforçamento líquido suficiente para estabelecer e manter uma resposta. (Skinner, 1948, p. 377)³⁰

to predict response through, among other things, an independent knowledge of the stimulus. It is often supposed that a solution is to be found in improved physiological techniques. Whenever it becomes possible to say what conditions within the organism control the response “I am depressed,” for example, and to produce these conditions at will, a degree of control and prediction characteristic of responses to external stimuli will be made possible. Meanwhile, we must be content with reasonable evidence for the belief that responses to public and private stimuli are equally lawful and alike in kind.”

³⁰ Do original: “Similarly, in the case of private stimuli, one may teach a child to say “That hurts” in agreement with the usage of the community by making the reinforcement contingent upon public accompaniments of painful stimuli (a smart blow, tissue damage, and so on). The connection between public and private stimuli need not be invariable; a response may be conditioned with intermittent reinforcement and even in spite of an occasional conflicting contingency. The possibility of such behavior is limited by the degree of association of public and private stimuli which will supply a net reinforcement sufficient to establish and maintain a response.”

Dessa forma, a comunidade verbal recorre a acompanhamentos públicos de estímulos privados para, então, reforçar adequadamente respostas verbais a tais estímulos. Mais à frente, no mesmo texto, Skinner (1945) apresenta que é possível "acessar" um evento privado de outras formas: por meio de respostas colaterais do falante aos mesmos estímulos; por meio de descrições do comportamento observado que são correlatas a estímulos públicos; e por meio de repertórios já mantidos por reforçamento público.

Skinner retoma em diversos momentos a questão da privacidade e sua relação com o modo como a comunidade verbal pode reforçar adequadamente o comportamento do falante (1953; 1957; 1978). Em todos os momentos, foram observadas as estratégias descritas anteriormente para a instalação e a manutenção de repertórios verbais de descrever estados internos em falantes de uma comunidade verbal.

Na subcategoria “consciência”, foram selecionados os trechos que descrevem a relação entre a consciência, considerada dentro dos parâmetros analítico- comportamentais, e a comunidade verbal.

Em 1969, Skinner mostra que a consciência também é estudada pela análise do comportamento. Mais que isso: mostra que é um assunto pertinente para essa ciência. A diferença entre a perspectiva analítico-comportamental e as demais perspectivas refere-se à natureza desse fenômeno:

Diferente do que é tão frequentemente afirmado, uma ciência do comportamento não ignora a consciência [awareness]. Ao contrário, ela vai muito além das psicologias mentalistas ao analisar o comportamento autodescritivo. Ela tem sugerido melhores maneiras de ensinar autoconhecimento e o autocontrole que depende de autoconhecimento. Ela

também enfatiza a importância de ser consciente no momento certo. Consciência contínua pode ser uma desvantagem; não há razão para que nós devamos escrutinar cada resposta que nós emitimos ou examinar cada ocasião na qual nós respondemos. (p. 245)

Assim, Skinner apresenta a consciência como um tema de estudo da análise do comportamento. Porém, a consciência deve ser estudada como um comportamento, sem se pressupor processos internos, comportamento este que é aprendido através de uma comunidade verbal que reforça adequadamente o comportamento de seus membros.

No mesmo texto, Skinner descreve a consciência como comportamento autodescritivo, ou seja, o comportamento de tatear o próprio comportamento e suas variáveis controladoras. Assim, consciência, autoconhecimento e comportamento autodescritivo serão utilizados, neste texto, de forma intercambiável. Esse comportamento seria modelado e mantido por uma comunidade verbal:

A comunidade verbal gera comportamento autodescritivo por meio de perguntas como “O que você está fazendo?” ou “Por que você está fazendo isto?” e reforçando nossas respostas apropriadamente. O comportamento com o qual nós respondemos não deve ser confundido com o comportamento gerado pelas contingências originais. Ele não é necessariamente “lingüístico”, mas ele é verbal no sentido de que nós não teríamos razão para nos engajarmos nele se não fosse pelas contingências arranjadas por uma comunidade verbal. Tais contingências podem respeitar distintos aspectos de nosso comportamento – por exemplo, elas podem ser responsáveis pelo fato de que sabemos “o que fizemos”, no sentido de sermos capazes de descrever

nossa resposta, mas não “por que fizemos isto”, no sentido de sermos capazes de identificar variáveis relevantes. (Skinner, 1969, p. 244)

Assim, a comunidade verbal faz perguntas que permitem o surgimento do comportamento autodescritivo, tais como “o que você está fazendo?”. A resposta verbal adequada é reforçada pela comunidade verbal. O autor aponta também para uma diferença entre a contingência de descrição de um comportamento e o comportamento em si: o comportamento descritivo é verbal e depende de uma comunidade verbal para ocorrer.

Neste trecho, fica claro que não é possível o autoconhecimento sem a existência de uma comunidade verbal favorável. Supõe-se que cada comunidade verbal específica produza comportamentos autodescritivos particulares.

É possível que a autoconsciência seja relacionada a eventos privados, conforme discutido anteriormente. Novamente, Skinner (1978) pontua a necessidade de uma comunidade que produza tais relações:

...Autoconhecimento é de origem social. É apenas quando o mundo privado de uma pessoa se torna importante para outros que se torna importante para ela. Ele, então, entra no controle do comportamento chamado conhecimento. Mas o autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que se tornou “consciente [aware] de si mesma” pelas questões que lhe foram feitas está em uma melhor posição para prever e controlar o próprio comportamento (p. 16)³¹

³¹Do original: “Self-knowledge is of social origin. It is only when a person’s private world becomes important to others that it is made important to him. It then enters into the control of the behavior called knowing. But self-knowledge has a special value to the individual himself. A person who has been “made aware of himself” by the questions he has been asked is in a better position to predict and control his own behavior”

Fica claro que apesar de a autoconsciência ter vantagens para o próprio falante, que, assim, pode prever e controlar o próprio comportamento, emitindo respostas de autocontrole, o surgimento desse repertório só é possível por um interesse da comunidade verbal.

Outra relação discutida entre falante e a comunidade verbal diz respeito à **abstração**. De acordo com Skinner (1965):

Comportamento pode ser colocado sob controle de uma única propriedade ou de uma combinação especial de propriedades de um estímulo ao mesmo tempo que é libertado do controle de todas as outras propriedades. O resultado é conhecido como abstração. (p. 134)

A abstração seria, então, um processo de controle de estímulos no qual a resposta fica sob controle de apenas uma propriedade do estímulo, como, por exemplo, cor, forma ou tamanho (ou de uma combinação particular de propriedades). Assim, outras propriedades do estímulo deixam de exercer controle sobre a resposta.

De acordo com Skinner (1978), a abstração é um processo verbal:

...Um aspecto característico do comportamento verbal, diretamente atribuível a contingências especiais de reforçamento, é a abstração. É o ouvinte, não o falante, que adota ação prática no que diz respeito aos estímulos que controlam uma resposta verbal, e como resultado o comportamento do falante pode ficar sob controle de propriedades de um estímulo ao qual nenhuma resposta prática é apropriada. (p. 39)³²

³² Do original: “A characteristic feature of verbal behavior, directly attributable to special contingencies of reinforcement, is abstraction. It is the listener, not the speaker, who takes practical action with respect to the stimuli controlling a verbal response, and as a result the behavior of the speaker may come under the control of properties of a stimulus to which no practical response is appropriate. “

Além de ser um processo necessariamente verbal, a abstração requer uma ação prática e específica de um ouvinte. Em 1948, Skinner apresenta esse processo de reforçamento como algo que apenas emerge de um ambiente verbal:

O ouvinte pode estar preocupado com a vermelhidão de um estímulo por várias razões, mas tudo o que ele requer do falante é a resposta vermelho, e isso é comum a todas as instâncias [em que a resposta é reforçada]. Essa relação complexa, que emerge apenas em um ambiente verbal, explica um dos aspectos mais valiosos do comportamento verbal. (p. 69)³³

A relação complexa na qual um ouvinte reforça o comportamento do falante em diferentes instâncias para que a resposta verbal deste fique sob controle apenas de uma propriedade do estímulo ocorre em um ambiente ou comunidade verbal. Skinner ressalta isso em 1953:

Um organismo não adquirirá uma resposta abstrata até que uma agência reforçadora arranje a contingência requerida. Não existem contingências “naturais” que forcem uma resposta na presença de uma única propriedade independente de outras propriedades. A contingência necessária aparentemente requer a mediação de outros organismos. A abstração, portanto, parece ter se tornado possível apenas com o desenvolvimento do comportamento verbal. Disso não se segue que, se esse fosse o caso, respostas abstratas nunca teriam surgido; porque não é impossível conceber eventos em

³³Do original: “O ouvinte pode estar preocupado com a vermelhidão de um estímulo por várias razões, mas tudo o que ele requer do falante é a resposta vermelho, e isso é comum a todas as instâncias [em que a resposta é reforçada]. Essa relação complexa, que emerge apenas em um ambiente verbal, explica um dos aspectos mais valiosos do comportamento verbal. (p. 69)”

um grupo de indivíduos que poderiam ter dado origem aos rudimentos de um ambiente verbal, do qual o comportamento verbal abstrato poderia ter nascido.

A questão, no entanto, é altamente especulativa. (p. 136)³⁴

Assim, em 1953, Skinner enfatiza o fato de que a abstração é um processo necessariamente verbal, que necessita de uma comunidade verbal para ocorrer. Afirma que é possível que a abstração tenha surgido no processo de evolução da comunidade verbal. Skinner ressalta o mesmo ponto ainda em 1977, em seu artigo intitulado *Why I am not a cognitive psychologist*.

Relação entre ouvinte e a comunidade verbal

Nesta categoria, foram incluídos os trechos que apresentam a relação entre a comunidade verbal e o ouvinte.

De acordo com Skinner (1957), o ouvinte seria aquele que “deve estar respondendo de formas que tenham sido condicionadas precisamente a fim de reforçar o comportamento do falante” (p. 255)³⁵. Em outras palavras, o ouvinte é o mediador do reforçamento do comportamento verbal - aquele que apresenta as consequências necessárias para gerar e manter o comportamento verbal do falante. Para que o ouvinte adquira esse repertório, é necessário que haja um treino específico da comunidade verbal.

³⁴Do original: “ An organism will not acquire an abstract response until a reinforcing agency sets up the required contingency. There are no "natural" contingencies which reinforce a response in the presence of a single property without respect to other properties. The necessary contingency apparently requires the mediation of other organisms. Abstraction, therefore, appears to have become possible only with the development of verbal behavior. It does not follow that, if this was the case, abstract responses could never have arisen; for it is not impossible to conceive of events in a group of individuals which could have given rise to the rudiments of a verbal environment from which abstract verbal behavior could then have sprung. The matter, however, is highly speculative.”

³⁵ Do original: “must be responding in ways that were precisely conditioned to reinforce the behavior of the listener”

Posteriormente em sua obra, Skinner ressalta o papel do ouvinte para o surgimento e a manutenção do comportamento de falante:

Falantes não são iniciadores. Nem na evolução de um ambiente verbal nem no condicionamento de falantes e ouvintes a fala vem primeiro. Para existir um falante é necessário que antes exista um ouvinte. (Skinner, 1989, p. 56)

Dahas et al (2008), ao realizar um levantamento com o prefixo *listen-* para analisar o papel do ouvinte na compreensão do comportamento verbal para Skinner, mostram que esse é um assunto no geral pouco tratado pelo autor: “As propostas analisadas neste artigo mostraram que a definição skinneriana de comportamento verbal não enfatizava suficientemente o comportamento do ouvinte, tendo-se em vista a sua importância para que ocorra um episódio verbal” (p. 115)

Assim, os autores concluem que o comportamento de ouvinte não é suficientemente explorado ao longo da obra de Skinner. Também indicam que não foi explorado o processo pelo qual o comportamento de ouvinte é gerado:

Ao refinar sua definição de comportamento verbal incluindo a condição de que o comportamento do indivíduo que disponibiliza a consequência deve ter sido especificamente treinado e, posteriormente, ao tratar do controle antecedente do comportamento do ouvinte (pp.358-262, por exemplo), Skinner deixa implícita uma história de condicionamento que, embora seja relativamente fácil de intuir, é pouco explorada em sua formulação original. Essa omissão é compreensível, visto que o foco de sua análise é, admitidamente, o comportamento do falante e o comportamento do ouvinte

entra na análise apenas na medida em que é necessário para a explicação do comportamento daquele.

Esses autores mostram que, apesar de não ter sido explorado o comportamento do ouvinte, isso seria compreensível uma vez que o principal aspecto do comportamento verbal estudado por Skinner é o comportamento do falante. Corroborando os dados encontrados por Dahas et al (2008), no presente estudo também foram encontrados poucos trechos nos quais Skinner trata do comportamento de ouvinte em relação à comunidade verbal.

Nos trechos encontrados, Skinner (1948) ressalta que o comportamento do ouvinte, assim como o comportamento do falante, é produto de uma comunidade verbal: “Em uma dada comunidade verbal um indivíduo se torna não apenas um falante mas um ouvinte.” (p. 22).

Essa participação do ouvinte em uma comunidade verbal pode gerar repertórios verbais complexos no falante, conforme descrito por Skinner:

O comportamento especial do ouvinte que surge de sua participação em um ambiente verbal leva a uma forma especial de autoconhecimento. Sua aplicação ao problema da consciência é de importância especial. (1948, p. 24)

36

Assim, quando observamos respostas de autoconhecimento, devemos analisar também que estas surgem devido ao repertório do ouvinte especialmente treinado por uma comunidade verbal. Seria o ouvinte, então, que reforçaria adequadamente respostas de descrição do próprio comportamento emitidas pelo falante. O papel da comunidade verbal

³⁶Do original: “The special behavior of the listener which arises from his participation in a verbal environment leads to a special sort of self-knowledge. Its application to the problem of awareness is of special importance”

parece ser aqui o de treinar esse ouvinte para tal reforçamento, reforçando diferencialmente as respostas adequadas.

Apesar disso, Skinner (1957) ressalta que algumas reações do ouvinte, em especial reações emocionais que podem alterar o comportamento do falante, não surgem da comunidade verbal:

A reação emocional é geralmente um subproduto de alguma outra função verbal. O ambiente verbal não estabelece a resposta cobra primariamente para evocar tal reação da parte do ouvinte. O pareamento de estímulos que gera, em última instância, a resposta surge de contingências relacionadas a comportamento mais prático (p. 120)³⁷

Assim, apesar de a comunidade verbal ensinar uma parte relevante do comportamento do ouvinte, o pareamento entre eventos não controlados por essa comunidade pode gerar mudanças nesse comportamento: ao apresentar uma reação emocional, como ao exibir uma determinada expressão facial, corar ou sorrir, o ouvinte também pode modificar a probabilidade de o comportamento do falante ocorrer novamente.

Relações com outras áreas

Para esta categoria foram selecionados trechos que dizem respeito à noção de comunidade verbal em outras áreas do conhecimento.

³⁷ Do original: “The emotional reaction is usually a by-product of some other verbal function. The verbal environment does not establish the response snake primarily to evoke such a reaction on the part of the listener. The pairing of stimuli which ultimately generates the response arises from contingencies related to more practical behavior. The speaker may acquire the response dead under the control of a biological state of affairs having practical or theoretical importance. The generic characteristic shared by a dead tree, a dead animal, and a dead man could be fairly precisely defined. But dead objects are frequently associated with stimuli evoking powerful emotional responses, even though these play no part in the contingencies established by the verbal environment for that form of response.”

Conforme já discutido anteriormente, Skinner (1987) indica que a comunidade verbal é tratada convencionalmente como linguagem. Assim, Skinner já apresenta uma diferença entre sua posição e a posição tradicional: a chamada linguagem nada mais seria do que uma comunidade composta por ouvintes e falantes, na qual certas respostas são caracteristicamente reforçadas. Isso se distancia da visão tradicional de linguagem, sendo esta a comunicação de ideias, sentimentos e eventos através de signos.

Skinner apresenta nesse artigo uma diferença entre a forma como os linguistas estudam o comportamento verbal e a forma como a análise do comportamento aborda tal fenômeno:

Uma vez que um ambiente verbal é composto de ouvintes, é compreensível que os linguistas enfatizem o ouvinte. (Uma questão frequentemente feita, por exemplo, é “Como é possível para uma pessoa entender um número potencialmente infinito de sentenças?”. Em contraste, uma análise comportamental pergunta, “Como é possível para uma pessoa falar um número potencialmente infinito de sentenças?”). Este artigo, então, é sobre a evolução de um ambiente verbal como fonte do comportamento do falante. (Skinner, 1987, p. 115)³⁸

Neste ponto, fica claro que enquanto a linguística aborda o comportamento de ouvinte, uma vez que este compõe o ambiente verbal, a análise do comportamento teria como enfoque o comportamento do falante e como esse comportamento é possível com base na interação entre o falante e a comunidade verbal.

³⁸ Do original: “Since a verbal environment is composed of listeners, it is understandable that linguists emphasize the listener. (A question often asked, for example, is, “How is it possible for a person to understand a potentially infinite number of sentences?” In contrast, a behavioral analysis asks, “How is it possible for a person to say a potentially infinite number of sentences?”) This paper, then, is about the evolution of a verbal environment as the source of the behavior of the speaker.”

Skinner (1948) pontua que as chamadas regras gramaticais nada mais seriam do que práticas dessa comunidade verbal:

As chamadas regras gramaticais foram recentemente objeto de muita controvérsia. Diz-se que existem regras e instruções que governam o uso da linguagem e que obedecemos sem estar conscientes delas. Certamente, durante milhares de anos, as pessoas falaram gramaticalmente sem saber que havia regras gramaticais. O comportamento gramatical foi moldado então, assim como agora, pelas práticas reforçadoras das comunidades verbais, nas quais alguns comportamentos eram mais eficazes que outros, e as sentenças eram geradas pela ação conjunta de reforçamentos passados e configurações atuais. Mas são as contingências que “governam o uso da linguagem”, não as regras, sejam elas extraídas ou não.³⁹

As regras gramaticais são, então, parte das práticas reforçadoras da comunidade verbal, no sentido de que apenas respostas verbais que seguem em alguma medida tais regras são reforçadas. Skinner (1948) aponta que essas regras apenas são selecionadas por serem mais eficazes que outras respostas verbais. Além disso, Skinner aponta que não são as regras gramaticais que “governam o uso da linguagem”: as contingências da comunidade verbal é que mantêm as respostas verbais. A gramática seria apenas a descrição de algumas dessas contingências.

³⁹ Do original: “The so-called rules of grammar have recently been the subject of a good deal of controversy. It is said that there are rules and instructions which govern the use of language and which we obey without being aware of them. Certainly for thousands of years people spoke grammatically without knowing that there were rules of grammar. Grammatical behavior was shaped, then as now, by the reinforcing practices of verbal communities in which some behaviors were more effective than others, and sentences were generated by the joint action of past reinforcements and current settings. But it is the contingencies which “govern the use of language,” not rules, whether or not they are extracted.”

Comunidade verbal como prática cultural

Por fim, a última categoria destaca trechos nos quais a comunidade verbal é apresentada como uma prática cultural, ou seja, como práticas de um grupo que evoluem.

Skinner ressalta isso ao afirmar, em 1987, que a resposta verbal é produzida e mantida por “um ambiente verbal, transmitido de uma geração a outra” (p. 89). Assim, a ideia de que o ambiente verbal é transmitido ao longo de gerações se aproxima da noção de comunidade verbal como uma prática cultural.

No mesmo artigo, Skinner aponta que o comportamento verbal é selecionado através da evolução de práticas culturais:

Quando falamos sobre a evolução do automóvel, não queremos dizer nada como a evolução do cavalo. Queremos dizer que a evolução de certas práticas culturais através das quais novas formas de fazer automóveis, como variações, foram selecionadas por suas contribuições para um produto reforçador do comportamento humano. Alguns produtos do comportamento verbal podem ser tratadas da mesma forma. (Skinner, 1987, p. 121)⁴⁰

De acordo com Andery et al. (2011), uma definição de cultura com base na perspectiva da análise do comportamento seria a de:

... uma entidade abstrata que tem temporalidade indefinida, mas que certamente envolve práticas comportamentais e produtos destas práticas – que são fenômenos comportamentais e ambientais - que se reproduzem entre

⁴⁰ Do original: “When we speak of the evolution of the automobile, we do not mean anything like the evolution of the horse. We mean the evolution of certain cultural practices through which new ways of making automobiles, as variations, were selected by their contributions to a reinforcing product of human behavior. Some products of verbal behavior may be treated in the same way”

indivíduos e gerações de indivíduos. Uma cultura é constituída de miríades de práticas culturais, definidas como padrões de comportamento aprendido que se reproduzem entre indivíduos e gerações de indivíduos (ver a este respeito Glenn, 2001, p. 206)

Assim, a definição de cultura envolve a transmissão de práticas (padrões de comportamento) ao longo de gerações de indivíduos. Nessa perspectiva, é possível analisar a comunidade verbal como uma prática cultural, uma vez que os padrões de uma certa comunidade (de como respostas verbais são reforçadas ou punidas) são transmitidos entre gerações.

Skinner (1981) apresenta vantagens do comportamento verbal:

O desenvolvimento do controle ambiental sobre a musculatura vocal aumentou consideravelmente o auxílio que uma pessoa recebe de outras. Comportando-se verbalmente, as pessoas podem cooperar de maneira mais eficiente em atividades comuns. Ao receberem conselhos, ao atentarem para avisos, ao seguirem instruções e ao observarem regras, as pessoas podem se beneficiar do que outros já aprenderam. Práticas éticas são fortalecidas ao serem codificadas em leis, e técnicas especiais de autogoverno ético e intelectual são desenvolvidas e ensinadas. O autoconhecimento ou consciência emergem quando uma pessoa pergunta a outra questões como “O que você vai fazer?” ou “Por quê você fez aquilo?”. A invenção do alfabeto propagou essas vantagens por grandes distâncias e períodos de tempo. Há muito tempo, diz-se que essas características conferem à espécie humana sua posição única,

embora seja possível que tal singularidade seja simplesmente a extensão do controle operante à musculatura vocal.

São, então, apresentadas como vantagens do comportamento verbal o fato de o falante se beneficiar daquilo que já foi aprendido por outra pessoa, além do fortalecimento de práticas éticas de um determinado grupo e do autoconhecimento. Todas estas podem ser também interpretadas como possíveis vantagens de uma comunidade verbal enquanto uma prática cultural.

A compreensão da comunidade verbal como uma prática cultural se assemelha à definição proposta por Burton (1999) de que a comunidade verbal seria:

...uma entidade histórica e em transformação que se liga fortemente com outras categorias sociais como classe, meios de produção e de reprodução, culturas dominantes e subordinadas, mídia e práticas ideológicas como religião ou ciência (p. 90, tradução nossa)

A definição proposta por Burton (1994) enfatiza que as práticas de uma dada cultura - explicitadas pelo autor como categorias sociais de classe, meios de produção e reprodução, culturas dominantes e subordinadas, mídia e práticas ideológicas - também se ligam e fazem parte das práticas de uma dada comunidade verbal. Assim, a comunidade verbal tanto é influenciada por essas práticas como também seria uma parte integrante delas, responsável por parte da sua criação e manutenção.

Tal definição é relevante para o estudo da comunidade verbal, uma vez que apresenta diversas variáveis que poderiam ser responsáveis pelas mudanças e pela manutenção de práticas de comunidade verbal (descritas pelo autor como, mídia, culturas dominantes e subordinadas e práticas ideológicas).

Glenn et al (2016), além de definir o conceito de prática cultural também discute possíveis unidades de análise da cultura. Uma delas seria a metacontingência: “Uma relação de contingência entre (1) contingências entrelaçadas recorrentes que têm um produto agregado e (2) eventos ou condições ambientais seletoras” (p. 13).

Assim, a metacontingência seria um termo surgido de uma análise comportamental da cultura. Apesar de esta ser uma possível unidade de análise da cultura, não é a única que pode ser utilizada: a cultura pode ser estudada também através das unidades de análise de macrocontingência, cunha comportamental e através de referenciais teóricos baseados na antropologia. (Muchon, 2019). Além disso, a análise da metacontingência é calçada no modelo selecionista.

Ao propor que comunidade verbal seria o produto de “... uma longa interação entre falantes e ouvintes, cada um modificando o comportamento do outro em algum grau”, Skinner (1986) apresenta o entrelaçamento de contingências como base para o surgimento de uma comunidade verbal, aproximando a noção de comunidade verbal com o conceito de metacontingência.

Apesar de Skinner não ter indicado quais as variáveis poderiam selecionar as contingências entrelaçadas envolvidas na comunidade verbal, compreender a comunidade verbal enquanto uma metacontingência apresenta vantagens: a comunidade verbal torna-se, em si, objeto de estudo, no lugar de ser considerada como uma variável que afeta o comportamento verbal. Além disso, podem ser analisadas as variáveis responsáveis pelo surgimento, variação e manutenção de práticas de uma dada comunidade verbal. Tal análise mostra-se de crucial importância, especialmente com relação às comunidades verbais

científica, política, intelectual, jornalística e outras subcomunidades verbais diretamente envolvidas na mudança de práticas culturais mais amplas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar como Skinner, ao longo de suas publicações, caracteriza e define a comunidade verbal, que papéis lhe atribui e de que modo sugere que ela cumpre esse papel.

Com base na análise feita, é possível definir comunidade verbal como um conjunto de ouvintes, falantes e audiências, que reforçam emitem e controlam respostas verbais específicas. Essa comunidade verbal funciona, então, como uma prática cultural, que evolui e se modifica ao longo do tempo e é fundamental para a existência do comportamento verbal.

Subcomunidades verbais seriam, para Skinner, comunidades que modelam e mantêm padrões verbais específicos, não necessariamente sendo compostas por membros diferentes (Skinner, 1957). Exemplos de subcomunidades verbais seriam a científica e a literária. Enquanto a comunidade verbal científica reforça respostas verbais sobre eventos que podem ser controlados por ela, pune metáforas e reforça tatos “puros”; a comunidade verbal literária reforçaria respostas verbais metafóricas, tatos estendidos e outras respostas verbais que produziriam respostas emocionais no leitor.

Assim, cada subcomunidade verbal teria características especiais, e a compreensão dessas características pode ser essencial para a compreensão da comunidade em si. Outros possíveis exemplos de subcomunidades verbais seriam: a jornalística, a acadêmica (não necessariamente científica), a política, entre outros. Em suma, qualquer grupo que mantenha respostas verbais específicas, sob controles específicos, poderia ser chamado de subcomunidade verbal, e a análise desta poderia trazer avanços importantes em cada uma delas.

A comunidade verbal influencia diretamente o comportamento do falante. Ela reforça diferencialmente respostas verbais emitidas por ele, e devido a essa comunidade é possível observar comportamentos verbais complexos, tais como: a descrição de eventos privados, a consciência e a abstração.

Com relação ao ouvinte, foram encontrados poucos trechos em que Skinner aborda o papel da comunidade verbal na manutenção e na instalação do repertório de ouvinte. Tal fato se dá uma vez que o próprio Skinner aponta como principal objetivo de seu estudo o comportamento do falante, considerando o comportamento do ouvinte como um comportamento não necessariamente verbal. Apesar disso, é possível analisar que a comunidade verbal também reforça diferencialmente o comportamento do ouvinte, permitindo que este se torne o mediador do reforçamento da resposta verbal do falante.

Sobre relações entre a comunidade verbal e outras áreas do conhecimento, Skinner apresenta a comunidade verbal como língua ou linguagem, sendo previamente considerada com enfoque no ouvinte e como objeto de estudo dos linguistas.

Por fim, Skinner parece considerar que a comunidade verbal se aproximaria de uma prática cultural, uma vez que se trata de práticas de um grupo (ouvintes, falantes e audiências) que evoluem ao longo do tempo. O estudo da comunidade verbal como prática cultural pode trazer vantagens, uma vez que seria, então, possível analisar quais as consequências culturais que mantêm e instalam essa prática.

Os dados sugerem, então, que a comunidade verbal é uma parte essencial do comportamento verbal, apesar de pouco estudada pelos analistas do comportamento. A compreensão de como uma comunidade verbal se modifica e evolui pode contribuir

grandemente para a compreensão de diversas práticas culturais, assim como para a compreensão de comportamentos verbais complexos.

Com base no que foi apresentado, cabe propor que outras pesquisas sobre o tema sejam realizadas, tanto analisando comunidades verbais existentes, quanto realizando um estudo teórico sobre propostas de outros autores que não Skinner sobre a comunidade verbal.

Referências

Andery, M. A.; Micheletto, N. e Sérgio. (2004). Publicações de B. F. Skinner: De 1930 a 2004.

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 6, 93-134

Borba, A.; E. Z. Tourinho. (2009). Uso do conceito de eventos privados à luz de proposições pragmatistas. *Estudos de Psicologia*, 14 (2), 89-96.

Burton, M (1994). The verbal community and the societal construction of consciousness. *Behavior and Social Issues*, 4, 87-96.

Fidalgo, A. P. (2011). O estudo do comportamento verbal no Brasil: uma análise com base em resumos de dissertações e teses. *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo*.

Guerin, B. (1997). Verbal Community Reinforcement, with an illustration using the esoteric buddhist concepts of fuse and maze no nanse. *The Psychological Record*, 47. 233-242.

Micheletto, N. (1995). *Uma questão de consequências: a elaboração da proposta metodológica de Skinner* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Passos, M. L. R. F. (1999). *A linguística estrutural de L. Bloomfield e a análise funcional de B. F. Skinner: algumas relações* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Rubano, D. R. (1990). *Aquém de Verbal Behavior: uma análise da investigação de B. F. Skinner sobre o comportamento verbal a partir de textos anteriores a 1957* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Sério et al, 2001

Sério, T., M., A., P. (1990). *Um caso na história do Método Científico: do reflexo ao operante* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Siracusa, M. J. (2018). *Skinner e o estudo do comportamento verbal pós 1957: alterações, complementos, reiteraões e exclusões*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Cambridge, Estados Unidos: Copley Custom Textbooks.

Skinner, B. F. (1974/2012). *About Behaviorism*. New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.

Tourinho, E. Z. (1999). *Estudos conceituais na análise do comportamento*. Temas em Psicologia, 7, 213-222.

APÊNDICES

APÊNDICE A - LISTA DE PUBLICAÇÕES ANALISADAS

Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. Em B. F. Skinner.

(definitive edition, pp. 416-430. Acton, MA: Copley Publishing Group

Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York, NY: Macmillan.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Cambridge, Estados Unidos: Copley Custom Textbooks

Skinner, B. F., Epstein, R., & Lanza, R. P. (1980). Symbolic communication between two pigeons (*Columba livia domestica*). *Science*, 207, 543-545

Skinner, B. F. (1983). A better way to deal with selection. *Behavioral and Brain Sciences*, 3, 377- 378.

Skinner, B. F. (1984). An operant analysis of problem solving. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 583-591. (Trabalho original publicado em 1966)

Skinner, B. F. (1984). Canonical papers of B. F. Skinner. *Behavioral and Brain Sciences*, 7, 473- 724.

Skinner, B. F. (1984). The shame of American education. *American Psychologist*, 39, 947-954

Skinner, B. F. (1985). Cognitive science and behaviorism. *British Journal of Psychology*, 76, 291-301

Skinner, B. F. (1985). Reply to Place: "Three senses of the word 'tact.'" *Behaviorism*, 13, 75-76

Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45, 115-122.

Skinner, B. F. (1987). Controversy? In S. Modgil & C. Modgil (Eds.), *B. F. Skinner: Consensus and controversy* (pp. 11-12). New York: Falmer Press.

Skinner, B. F. (1987). Expanding the operant analysis [Review of the book *Analysis and integration of behavioral units*]. *Contemporary Psychology*, 32, 505-506.

Skinner, B. F. (1987). Outlining a science of feeling. *Times Literary Supplement*, 490, pp. 501- 502.

Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior? *American Psychologist*, 42, 780-78

Skinner, B. F. (1987). Why we are not acting to save the world. In B. F. Skinner, *Upon further reflection* (pp. 1-14). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1988). Signs and countersigns. *Behavioral and Brain Sciences*, *11*, 466-467. Skinner, B. F. (1988). The operant side of behavior therapy. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, *19*, 171-179.

Skinner, B. F. (1988). War, peace, and behavior analysis: Some comments. *Behavior Analysis and Social Action*, *6*, 57-58.

Skinner, B. F. (1989). The behavior of the listener. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 85-96). New York: Plenum Press.

Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *American Psychologist*, *44*, 13-18.

Skinner, B. F. (1989). The Behavior of Organisms at Fifty. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *The nervous system*, pp. 129-135). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

Skinner, B. F. (1989). The Initiating Self. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulos *Self-Observation*, pp. 29-30; *Summary*, p. 33). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

Skinner, B. F. (1989). The Listener. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 35-48). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 13-26). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

Skinner, B. F. (1989). The Place of Feeling in the Analysis of Behavior. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *Fear*, pp. 8-11). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

Skinner, B. F. (1989). Whatever Happened to Psychology as the Science of Behavior?. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *Radical Behaviorism*, pp. 61-64). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

Skinner, B. F. (2002). Alternatives to punishment. *Beyond freedom and dignity* (Subtítulos *Guidance*, pp. 87-88; *Changing minds*, pp. 91-97). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Skinner, B. F. (2002). Dignity. *Beyond freedom and dignity* (pp. 44-59). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Skinner, B. F. (2002). Freedom. *Beyond freedom and dignity* (pp. 26-43). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Skinner, B. F. (2002). The evolution of a culture. *Beyond freedom and dignity* (pp. 127-144).

New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Skinner, B. F. (2002). What is man?. *Beyond freedom and dignity* (pp. 184-215). New

York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Entrevista: Burrhus Skinner. Em D. Cohen. *Os psicólogos e a Psicologia*. (pp. 319-352).

Lisboa, Portugal: Edições 70

Skinner, B. F. (1960). Concept formation in philosophy and psychology. In S. Hook (Ed.),

Dimensions of mind: A symposium (pp. 226-230). New York: New York University Press.

Skinner, B. F. (1961). Learning theory and future research. In J. Lysaught (Ed.), *Programmed*

learning: Evolving principles and industrial applications (pp. 59-66). Ann Arbor, MI:

Foundation for Research on Human Behaviors.

Skinner, B. F., & Blanshard, B. (1967). The problem of consciousness: A debate. *Philosophy and*

Phenomenological Research, 27, 317-337.

Skinner, B. F., & Krakower, S. (1968). *Handwriting with write and see*. Chicago: Lyon &

Carnahan.

Skinner, B. F. (1968). A Review of Teaching. *The technology of teaching*. (Subtítulo *Terminal behavior*, pp. 199-206). New York: Appleton-Century- Crofts.

Skinner, B. F. (1968). Teaching Machines. *The technology of teaching*. (Subtítulos *Other kinds of teaching machines*, pp. 32-39; *Some questions*, pp. 54-57). New York: Appleton-Century- Crofts.

Skinner, B. F. (1968). Teaching Thinking. *The technology of teaching*. (pp. 115-144). New York: Appleton-Century- Crofts.

Skinner, B. F. (1969). An operant analysis of problem solving. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 133-171). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). Behaviorism at fifty. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 221-268). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The experiment analysis of behavior. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulos *Note 4.1: Independent variables* pp. 86-88; *Note 4.2: The dependent variable*, parágrafos 1 e 2, p. 91; *Note 4.5: A technology of behavior*, pp. 95-98; *Note 4.6: The critics*, pp. 98-104). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The phylogeny and ontogeny of behavior. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulo *Misleading similarities*, pp. 193-198; *Note 7.3: Interrelations among phylogenic and ontogenic variables*, pp. 203-208). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The role of environment. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulos *The interpretation of behavior* pp. 10-22; *Note 1.1: Some contingencies of reinforcement*, pp.22-25). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The inside story. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulo *The ghost in the machine*, pp. 286-295). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1974). Causes and reasons. *About behaviorism* (pp. 119-138). New York, Estados

Unidos: Alfred A. Knopf

Skinner, B. F. (1974). Knowing. *About behaviorism* (pp. 137-147). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf

Skinner, B. F. (1974). Perceiving. *About behaviorism* (Subtítulo *Mind and stimulus control*, pp. 86-87). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). Summing up. *About behaviorism* (pp. 219-251). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). The inner world of motivation and emotion. *About behaviorism* (Subtítulo *Life in Psyche*, pp. 152-155). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). The self and others. *About behaviorism* (Subtítulos *Knowing oneself*, pp. 168-171; *Knowing another person*, pp.171-176; *Managing oneself*, pp.176-180; *Describing contingencies*, pp. 200-202). New York, Estados Unidos: New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). The world within the skin. *About behaviorism* (pp. 21-32). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). Thinking. *About behaviorism* (Subtítulos *Solving problems*, pp. 111-113; *Creative behavior*, pp. 113-115). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). Verbal Behavior. *About behaviorism* (pp. 88-101). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf

Skinner, B. F. (1977). The experimental analysis of operant behavior. In R. W. Rieber & K. Salzinger (Eds.), *The roots of American psychology: Historical influences and implications for the future* (*Annals of the New York Academy of Sciences*, Vol. 291, pp. 374-385). New York: New York Academy of Sciences.

